



«ESTA É A VITÓRIA QUE VENCE  
O MUNDO: A NOSSA FÉ »

EXERCÍCIOS DA FRATERNIDADE  
DE COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO



RÍMINI 2008



«ESTA É A VITÓRIA QUE VENCE  
O MUNDO: A NOSSA FÉ»

---

EXERCÍCIOS DA FRATERNIDADE  
DE COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO



---

RÍMINI 2008

Na capa: *Pedro é salvo das águas* (detalhe), mosaico. Catedral de Monreale

*Cidade do Vaticano, 22 de abril de 2008*

*Reverendo  
Padre Julián Carrón  
Presidente da Fraternidade de Comunhão e Libertação*

*Ocasião Exercícios espirituais Fraternidade de Comunhão e Libertação sobre o tema 'Esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé', Sumo Pontífice dirige aos participantes afetuoso bem-aventurado pensamento e, enquanto deseja que importante encontro suscite renovada fidelidade a Cristo, única esperança, e fervoroso testemunho evangélico, invoca copiosa efusão luzes celestes e envia ao senhor, aos responsáveis Fraternidade e a todos os participantes especial bênção apostólica.*

***Cardeal Tarcisio Bertone**, Secretário de Estado de Sua Santidade*

# *Sexta-feira, 25 de abril, noite*

*Na entrada e na saída:*

*Franz Schubert: Sinfonia n. 8 em Si menor, D 759 “Inacabada”*

*Carlos Kleiber – Wiener Philharmoniker*

*“Spirto Gentil” n. 2 Deutsche Grammophon*

## ■ INTRODUÇÃO

**Julián Carrón.** Cada um de nós chega aqui esperando alguma coisa. Aquele algo do qual temos realmente necessidade não podemos dá-lo a nós mesmos, podemos só recebê-lo. Por isso, a coisa mais razoável é pedir, é pedir isso ao Único que pode nos dar: o Espírito.

*Ó vinde, Espírito Criador*

Iniciemos o nosso encontro olhando, juntamente com todos os que estão conectados conosco via satélite pelo mundo, a obra mais potente que o Mistério realizou em nosso meio neste ano.

Aconteceu no dia 24 de fevereiro deste ano, no Brasil, na Catedral de São Paulo e na praça em frente, onde perante 50 mil pessoas e o Cardeal de São Paulo, Sua Eminência Odilo Scherer, os nossos amigos Cleuza e Marcos Zerbini, junto com seus amigos do Movimento dos Sem Terra (*Associação dos Trabalhadores Sem Terra*), confessaram diante de todos o desejo de pertencer à nossa história, porque disseram: “Encontrando Comunhão e Libertação encontramos tudo o que precisávamos encontrar”.

*Projeção do vídeo*

[transcrição]

**Marcos Zerbini.** *Alguns, às vezes, nos dizem: “Obrigado por tudo aquilo que vocês estão fazendo pela gente”, “obrigado pela oportunidade de fazer faculdade e de ter uma casa”. Mas, vocês não sabem: nós é que temos que agradecer, porque se nós conseguimos ajudar vocês a ter faculdade, a ter casa, vocês nos ajudaram a encontrar uma coisa muito maior, porque vocês são o caminho do nosso encontro com Jesus Cristo. Muito obrigado, do fundo do meu coração!*

**Cleuza Ramos.** *Pessoal, que alegria a gente estar aqui, hoje! Eu pensei que fosse fazer um dia de sol, mas Deus quis diferente, quis que chovesse neste dia tão importante. A chuva que caiu hoje são as lágrimas que eu derramei para construir esta Associação, que, hoje, é um orgulho que eu tenho.*

*Carrón, alguns anos atrás, o senhor tinha um movimento, que era o Nova Terra. O senhor, quando conheceu Dom Giussani, entregou o seu movimento para ele, porque o senhor não tinha mais nada para procurar. E, hoje, nós vamos repetir o seu gesto: com a mesma coragem com que o senhor entregou o seu movimento, eu estou entregando o movimento na sua mão, porque eu não tenho mais nada para procurar. Tudo o que eu tinha para procurar, eu já encontrei. Tenho, aqui, o livro da Associação, que ainda vai ser lançado, que conta os 20 anos de história do movimento. Então, a gente quer entregar esse livro pra você, que são os 20 anos de construção da Associação. A chuva que caiu, hoje, foram as lágrimas com que foram escritas cada uma das páginas desse livro. Foi por isso que, hoje, choveu.*

*Carrón, a gente quer te seguir. De novo, a história se repete: você gerou esse povo porque você foi gerado. A Associação tem uma vida de trabalho: isso é uma coisa nossa. Mas eu quero te seguir, todos os seus passos, os seus pensamentos, todas as suas palavras. Eu quero te seguir. Porque, mais do que a casa, mais do que a faculdade, esse povo precisa de uma alegria e de uma esperança. E você é a nossa esperança. Eu quero te seguir, Carrón.*

*Eu quero agradecer pelo dia de hoje, histórico para a Associação. Toda a história que passou e que vai passar, eu quero fazer junto com você, Carrón. Que Deus ilumine a sua vida, seus passos, para que façamos juntos esta estrada que Deus mostrou pra gente.*

*Carrón, eu estou muito emocionada. A gente queria fazer esta festa na praça: tinha foto, tinha balão com escrita para subir, mas Deus não quis assim. Mas eu queria dizer para você que eu estou muito feliz, que eu estou com o coração cheio de alegria. Eu estou chorando, mas não é de tristeza, é de alegria. Eu queria que a gente fizesse esse encontro em praça pública, com 50 mil pessoas, como estão lá fora, porque eu queria que 50 mil pessoas testemunhassem esse momento. Mas Deus não quis e nós vamos ter muitos momentos para poder testemunhar isso juntos. Muito obrigada por estar aqui! Estou muito agradecida por tudo: pelo carinho, pelo pessoal do Movimento que tem me acolhido tão bem, os amigos que a gente encontrou, Dom Filippo, padre Douglas, padre Vando, todos. É difícil falar os nomes, porque depois a*

*gente esquece de alguém. Quero agradecer a todo mundo que a gente encontrou nesta estrada. Que Deus abençoe a cada um de vocês.*

*E, hoje, não tem dois caminhos: só tem um caminho. Hoje, a Nova Terra e os Sem-Terra se fundiram com o Movimento Comunhão e Libertação. Obrigada, Carrón!*

\*\*\*

**Carrón.** Eu quis iniciar assistindo juntos ao que vimos, antes de qualquer palavra, como sinal de um método todo baseado na precedência dada àquilo que Cristo realiza no nosso meio, ao “antes” de qualquer movimento nosso, do qual falávamos no verão passado.<sup>1</sup>

Nós não desejamos outra coisa senão seguir aquilo que Ele realiza no nosso meio. Portanto, isso que aconteceu no Brasil é o primeiro dom que o Senhor nos concede nestes Exercícios, que têm como título “Esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé”.<sup>2</sup> O que vimos é um dom para responder à urgência maior que temos entre nós: a fé, a fé em Jesus Cristo vivo, presente aqui e agora.

Mas, falando da fé, é quase impossível não sentir pairar a pergunta de Cristo: “Mas o Filho do Homem, quando vier, encontrará fé sobre a terra?”<sup>3</sup> Alguém pode achar essa pergunta um pouco exagerada no começo de um encontro como o nosso, cada um pode dizer isso a si mesmo, mas para mim não parece nem um pouco exagerada, dada a dificuldade que tantas vezes todos nós temos para reconhecer o Mistério como real no nosso meio. Vimos isso em várias ocasiões fazendo a Escola de Comunidade sobre a fé:<sup>4</sup> não é raro perceber o Mistério como abstrato. Sobre isso, eu ouvi de tudo: autoconvencimento, dedução, projeção... Não quer dizer que essa pergunta não nos diga respeito, diz sim, esse é o ponto! Logo que aparece qualquer percurso a ser feito com a razão, a existência do Mistério para nós se torna fruto de um raciocínio, de uma dedução, mais do que um reconhecimento.

Uma pessoa escreve: “Por que, mesmo tendo necessidade de uma certeza, eu não consigo nunca confiar-me totalmente? Por que a realidade me parece um engano? Quando escutei a frase que Dom Giussani teria dito antes de morrer – ‘A realidade nunca me traiu’ – eu me comovi: como gostaria eu também de ser assim! Fiquei todos estes anos por isso, e para mim, ao invés, parece o contrário. Dom Gius é terrível com alguém como eu. Sou imoral porque não confio. Mas eu não confio porque a realidade me parece tão contraditória, e Jesus não é ocasião de

um escândalo, não é um obstáculo ao que eu gostaria, mas talvez (tenho medo de confessar isso até para mim mesma) uma ilusão”.

A pessoa pode ficar no Movimento durante anos e continuar a perceber o Mistério como abstrato e Jesus como uma ilusão. Quantas vezes, quando falo com as pessoas, elas confessam: “Mas pra mim é abstrato”. Isso é visível no modo como falamos do real, como descrevemos a realidade, aquilo que acontece, aquilo que nos acontece, pois pela descrição o Mistério não existe, no máximo é simplesmente um sentimento ou um esforço ético, não um dado do real. É como se, no final, fôssemos criadores daquilo em que afirmamos acreditar, em vez de sermos testemunhas, o contrário do que dizia o Papa: “Os Apóstolos foram testemunhas e certamente não criadores”.<sup>5</sup> Nisto somos realmente modernos, pois na história existem muitos que não acreditaram, existem muitos que talvez não seguiram o cristianismo, mas ninguém, até a modernidade, tinha sonhado pensar que no fundo Deus era criação do homem, que tinha sido inventado. Por isso nos encontramos frente a um desafio cultural, um desafio que diz respeito a todos nós; por isso o Papa no documento após o Sínodo da Eucaristia, disse: “Hoje torna-se necessário redescobrir que Jesus Cristo não é uma simples convicção privada ou uma doutrina abstrata, mas uma pessoa real cuja inserção na história é capaz de renovar a vida de todos.”<sup>6</sup>

“Não é possível construir [lemos na Escola de Comunidade] senão sobre a rocha, sobre aquilo que é certo. Sem certeza não se constrói nada”.<sup>7</sup> Está aqui a importância do percurso que estamos fazendo nestes últimos anos: partindo do coração salientamos que o coração não é o sentimento, mas é a razão, que é preciso constantemente expandir, e que a razão atinge o seu ápice na religiosidade. Por isso nos Exercícios da Fraternidade do ano passado falamos exatamente da religiosidade como o ápice da razão. Desta vez tentaremos chegar até o fundo, falando da fé que floresce como uma flor – dizia Dom Giussani – no ápice da razão.<sup>8</sup>

Não paro de me maravilhar porque Dom Giussani já tinha dito isso numa das últimas vezes em que falou nos Exercícios para toda a Fraternidade. Parece dito hoje: “É impossível viver dentro de um contexto geral sem sermos influenciados por ele. Nós mesmos [nós, não os outros, nós] participamos daquela mentalidade na qual Deus é concebido como abstrato ou esquecido ou até mesmo é negado. Assim, na prática, existencialmente, chegamos a negar que ‘Deus é tudo em tudo’. No nosso espírito inquieto e confuso está presente a mentira da mentalidade de hoje, da qual nós mesmos participamos”, pois também nós

“precisamos passar por todas as dificuldades, as tentações, os resultados amargos, mantendo a esperança, que é a vida da vida”. E insistia: “Precisamos *tomar consciência de uma mentalidade* que, aparentemente exaltando um renascimento religioso, na verdade quer mesmo é censurar que ‘Deus é tudo em tudo’, tornando-o abstrato, esquecendo-o ou, ainda mais, negando-o. É preciso tomar consciência da realidade na qual vivemos, do momento ‘cultural’, no sentido forte do termo, do nosso caminho”.<sup>9</sup>

Qual é então a questão? De que se trata? Por que isso acontece? Atenção, porque aqui se dá o primeiro deslocamento. A última coisa que nos passaria pela cabeça é o que Dom Giussani diz: que antes ainda de um fazer ou de um operar, é um problema de conhecimento; que o Mistério para nós se torne abstrato ou que Jesus se torne uma ilusão é um problema de conhecimento, não é um problema de sentimento, não é antes de tudo um problema ético.

Em que consiste esse problema de conhecimento? Ele descreve assim: “A *negação* do fato que ‘Deus é tudo em tudo’ dependeu de uma irreligiosidade estranha à formação dos povos europeus [atenção!], uma irreligiosidade que inicia, sem que ninguém perceba, com uma separação que se dá entre Deus como origem e sentido da vida e Deus como fato de pensamento, concebido segundo as exigências do pensamento do homem”.<sup>10</sup> Aquilo que pensamos sobre Deus nada tem a ver com aquilo que Ele é a partir da experiência, e isso acontece sem que ninguém perceba. Se neste momento a pessoa tomasse consciência, perceberia que não há coisa mais concreta do que o fato que é um Outro que a está fazendo agora, e um instante depois deixaria de pensar que é abstrato. Mas nós podemos continuar a repetir: “É abstrato”, mesmo que na experiência esteja agindo com uma potência que nós mesmos sequer nos damos conta.

Por que acontece isso? “A substância da questão é esclarecida na luta que se desenvolve acerca do modo de entender a *relação entre razão e experiência*”.<sup>11</sup> A realidade, a nossa e tudo o que vemos, é um dado, e a razão – se for leal consigo mesma, se não for completamente irreligiosa, se não for desleal com o que vê, se não renunciar à sua natureza, a essa urgência de dar-se a razão do que tem diante de si – só pode acabar por reconhecê-Lo em ação. Nós somos não-razoáveis porque não submetemos a nossa razão, o nosso modo de pensar em Deus, no Mistério, àquilo que experimentamos.<sup>12</sup> Esta é a nossa irreligiosidade, isto é, não expandir a razão até reconhecer o dado, o real, no seu surgimento, que é o Mistério.

Bastaria quase um instante para perceber isso. Observem este diálogo bellissimo entre Peppone e padre Camilo: “Peppone se irritou, parou na frente do padre com a mão na cintura e tomou satisfação: ‘Pode-se saber o que o senhor quer de nós? Acaso fomos nós que viemos até o senhor?’. [Responde padre Camilo]: ‘Que tem a ver? Mesmo que vocês não vão à igreja, Deus existe sempre e espera por vocês’. O Magro interveio: ‘O reverendo talvez tenha esquecido que fomos excomungados?’. ‘É uma questão de secundária importância – replicou padre Camilo. Mesmo que tenham sido excomungados, Deus continua a existir e continua a esperá-los. Desculpem: eu não estou inscrito no partido de vocês, não pratico a Casa do Povo e sou considerado um inimigo do seu partido. Por esses fatos, poderia talvez afirmar que Stálin não existe?’’. ‘Stálin existe, e como existe! E espera pelo senhor no caminho!’ gritou Peppone. Padre Camilo sorriu: ‘Não duvido disso e nunca duvidei. E se eu admito que Stálin existe e que me espera, por que você não admite que Deus existe e o espera? Não é a mesma coisa?’”. Peppone ficou muito tocado por esse elementar raciocínio. Mas o Magro interveio: ‘A única diferença é que enquanto ninguém jamais viu o seu Deus, é possível ver e tocar em Stálin. E mesmo que eu não o tenha visto nem tocado, pode-se ver e tocar aquilo que Stálin criou: o Comunismo!’”. Padre Camilo alargou os braços: ‘E o mundo no qual vivemos eu, você e Stálin, por acaso não é uma coisa que se vê e se toca?’”<sup>13</sup>

Bastaria essa simples constatação para facilitar que cada um de nós O reconhecesse tão presente a ponto de ser a origem de tudo. Mas se por acaso “os céus para olhar”<sup>14</sup>, que cantamos, ainda não bastassem, ainda que não fossem suficiente, o Senhor faz acontecer perante os nossos olhos o que vimos em São Paulo, que é como um grito: “Acordem! Uma coisa abstrata é capaz de gerar isso que vocês viram?”. O Senhor tem piedade e ternura para com cada um de nós, tanto que vem ao encontro até das nossas dificuldades, dobra-se frente à nossa necessidade e faz acontecer perante os nossos olhos algo que facilite o Seu reconhecimento; e a pessoa fica muda diante do que Ele faz: e a Sua presença me enche de silêncio.

O silêncio não existe porque precisamos calar, por uma questão de ordem: nasce do acontecimento, e a pessoa fica sem palavras frente ao que acontece diante dos próprios olhos. Por isso, sustentemo-nos reciprocamente nesse silêncio que a Sua presença em nosso meio gera nestes dias, oferecendo o sacrifício que um gesto como esse não pode deixar de gerar, para que o Senhor tenha piedade de nós.

## SANTA MISSA

### HOMILIA DE PADRE PINO

“Deus resiste aos soberbos, mas dá a sua graça aos humildes” (*IPd* 5,5). Já pelo que vimos e ouvimos nesta hora podemos entender bem o âmbito no qual a nossa liberdade se move: permanecer nessa soberba que é não-razoabilidade e irreligiosidade, ou “firmes na fé” (quatro vezes retorna essa expressão na Cartas de Paulo).

A firmeza não é em primeiro lugar a nossa força, a nossa coerência, mas o abrir-se da nossa consciência, da nossa razão frente ao testemunho que chega até nós, da mesma forma, hoje como há dois mil anos. Em nome de Pedro, em nome de Silvano, em nome de Marcos, o primeiro que escreveu aquilo que escutou de Pedro que viu, acrescentam-se hoje milhares de nomes: os primeiros que partiram para o Brasil em 1962, aqueles que são protagonistas e testemunhas do grande milagre, como Cleuza, cada um de nós atrás de Dom Giussani e de Julián.

A conclusão do Evangelho de Marcos nos diz: “Então, os discípulos foram anunciar a Boa Nova por toda parte. O Senhor os ajudava e confirmava sua palavra pelos sinais que a acompanhavam” (*Mc* 16,20). Esse é o começo da aventura cristã no mundo, mas a forma como o cristianismo permanece agora, neste dia, aqui em Rímimi e no mundo, é exatamente a mesma: se estamos aqui antes de mais nada para renovar, na mendicância, a consciência de como o Senhor está agindo na vida de cada um de nós e do nosso povo.

## *Sábado, 26 de abril, manhã*

*Na entrada e na saída:*

*Franz Schubert: Sonata para harpa e piano, D 821*

*Mstislav Rostropovich, violoncelo*

*Benjamin Britten, piano*

*“Spirto Gentil” n. 18 Decca (Universal)*

**Padre Pino.** Escutando a música de Schubert, a harpa, é impossível não brotar no nosso espírito a consciência de que cada um de nós, seja qual for o momento da sua caminhada, é feito para a felicidade: não fomos feitos para nos perder ou para o nada. Mas quem desperta essa certeza, quem desperta esse pedido na caminhada de todos os dias? Se cada um de nós estivesse sozinho, se cada um de nós estivesse entregue aos próprios pensamentos ou à frágil lâmina da própria liberdade, o ímpeto pelo destino estaria fadado a encalhar. Por isso, o início do dia coincide com a possibilidade de perceber que um Outro nos é companheiro ao destino, que o próprio Destino é companheiro para a nossa vida.

Olhando essa jovem mulher totalmente escancarada à iniciativa do Mistério, retomamos consciência da grandeza do nosso destino.

*Ângelus*

*Laudes*

**Julián Carrón.** Iniciemos lendo o telegrama que o Santo Padre nos enviou: “Ocasão Exercícios espirituais Fraternidade de Comunhão e Libertação sobre o tema ‘Esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé’, Sumo Pontífice dirige aos participantes afetuoso bem-aventurado pensamento e, enquanto deseja que importante encontro suscite renovada fidelidade a Cristo, única esperança, e fervoroso testemunho evangélico, invoca copiosa efusão luzes celestes e envia ao senhor, aos responsáveis Fraternidade e a todos os participantes especial bênção apostólica. Cardeal Tarcisio Bertone, Secretário de Estado de Sua Santidade”.

Chegaram também mensagens de Sua Eminência Cardeal Ângelo Scola, Patriarca de Veneza, e de Sua Excelência Dom Filippo Santoro, Bispo de Petrópolis.

■ PRIMEIRA MEDITAÇÃO

## *A fé, método de conhecimento*

### 1. A fé, método de conhecimento

“Para a maior parte das pessoas (até para quem vai à igreja), o relacionamento com Deus, com o divino, ou seja, com o que deveria ser percebido como origem e destino de tudo, é assim: são palavras”,<sup>15</sup> dizia Dom Giussani anos atrás. Nós não somos muito diferentes, como vimos ontem, e não são poucos aqueles para os quais o Mistério é abstrato, distante. A razão dessa percepção do Mistério como algo distante – nos dizia Dom Giussani – é que existe em nós uma separação entre razão e experiência.

O que fez e continua a fazer o Mistério para nos ajudar a vencer essa separação, para evitar que Deus seja percebido por nós como algo distante, abstrato? Por piedade de cada um de nós o Mistério entrou na história para facilitar o Seu reconhecimento por cada um de nós.

“*Deus rompeu esta separação* [continuava Dom Giussani], *este vazio entre Si e a experiência do homem*. [...] Deus, o Mistério que faz todas as coisas, rompeu a distância, o vazio que o homem inevitavelmente colocaria entre Ele e o tempo e o espaço, isto é, a realidade enquanto sensível, visível, tangível, audível. [...] O Mistério rompeu a abstração e a distância em que seria tido inevitavelmente pelo homem, uma vez que, não sendo nem visível, nem tocável, nem audível, o pensamento não o pode agarrar como agarra o significado de um rosto, e a afeição não lhe pode ser dirigida como é dirigida a um rosto. [...] Deus rasgou, rompeu a distância na qual nós o sentiríamos e o teríamos. Como Deus rompeu essa distância? *Encarnando-se* e saindo do seio de uma mulher como uma criança. [...] *Para fazer-se reconhecer, Deus entrou na vida do homem como homem*, segundo uma forma humana, de tal modo que o pensamento e toda a sua capacidade de imaginar, a afetividade e todo o seu sonhar ficaram como que ‘bloqueados’, magnetizados”<sup>16</sup> por aquela esperança que um dia Ele suscitou em mim.<sup>17</sup>

Todo o eu magnetizado por Ele. Aqui se vê a importância do método que eu falava ontem, dessa precedência dada àquilo que Ele faz. Ele não responde às nossas dificuldades com um raciocínio, mas com um fato, com um fato tão atraente que suscita uma esperança que eu não poderia sonhar. Quanta lealdade é necessária para dar espaço a cada instante a

essa precedência desde quando, certo dia, Ele suscitou em nós essa esperança!

Como sabemos que isso aconteceu, que o Mistério se tornou um fator da realidade? Através daquele método de conhecimento que se chama fé. Falar de fé como método de conhecimento quer dizer já desde o início tirar a fé do terreno do irracional, do sentimento e restituí-la ao terreno do conhecimento racional de verdade. Isso é decisivo para a razoabilidade da fé e para a sua dignidade cultural.

Mas qual é a origem desse percurso de conhecimento? Qual é o ponto de partida desse método de conhecimento que é a fé? Bastaria que cada um olhasse por um instante com plena consciência para a sua experiência: o que trouxe você até aqui? O que levou você a acreditar? Cada um de nós pode responder simplesmente com aquela frase que o Papa disse e que ouvimos com palavras semelhantes em tantas ocasiões de Dom Giussani: “No início do ser cristão não há uma decisão ética ou uma grande idéia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa”.<sup>18</sup> Portanto, “a primeira característica da fé cristã é que parte de um fato, um fato que tem a forma de um encontro”.<sup>19</sup>

A fé tem um ponto de partida fora de nós: é um fato, é uma objetividade que desafia a subjetividade do homem. Nada de abstrato, nenhuma dedução, nenhuma projeção; já desde a origem é o encontro com algo fora de mim, tanto é verdade que nenhuma outra coisa suscitou aquela esperança que Ele suscitou em mim. Por isso a fé é um gesto humano e deve nascer de maneira humana, pois não seria humano se nascesse sem razão, seria irracional, não humano; e o modo como a fé nasce de maneira razoável, ou seja, trazendo em si para o homem, para qualquer homem, a evidência da sua consistência, a evidência da sua razão, é um encontro, é o acontecimento de um encontro.

Nós estamos aqui agora não porque tivemos uma visão, nem por causa de uma imaginação, não por algo de abstrato, mas pelo encontro com um fato tão excepcional que nos “bloqueou”, nos magnetizou. Por que nos tomou assim? Por que nos magnetizou assim? Por causa da sua excepcionalidade, porque nenhuma outra coisa correspondia e corresponde a todas as exigências do nosso ser. Por isso, para nós o Mistério não é algo desconhecido, mas é o Mistério que se torna acessível, e a Sua incompreensibilidade não é uma determinação negativa – diz Von Balthasar – mas uma propriedade positiva do conhecido;<sup>20</sup> é tão imponente aquilo que vejo, aquilo que encontro, que não posso medir, que não posso colocá-lo no bolso, e não porque o desconheço, mas justamente porque conheço. Observem como tantas vezes os discípulos fize-

ram essa experiência, por exemplo frente à pesca milagrosa: o Mistério não era desconhecido – estava ali bem na frente deles – mas os superava de todos os lados e provocava aquela reação de Pedro: “Senhor, afaste-se de mim porque sou pecador!”.<sup>21</sup> Ele dizia isso não frente ao desconhecido, mas frente ao Mistério que transbordava diante dele. E por isso muitas vezes lhes escapava dizer: “Nunca vimos coisa igual!”.<sup>22</sup>

Por que, ao contrário, nós continuamos a percebê-Lo tantas vezes como abstrato, como distante? Dom Giussani atribui isso a uma separação entre razão e experiência. Talvez nos ajude a entender o que é essa separação esta passagem do Evangelho: “Caminhando para Jerusalém, Jesus passava entre a Samaria e a Galiléia. Estava para entrar num povoado, quando dez leprosos vieram ao seu encontro. Pararam a certa distância e gritaram: ‘Jesus, Mestre, tem compaixão de nós!’ Ao vê-los, Jesus disse: ‘Ide apresentar-vos aos sacerdotes’. Enquanto estavam a caminho, aconteceu que ficaram curados. Um deles, ao perceber que estava curado, voltou glorificando a Deus em alta voz; prostrou-se aos pés de Jesus e lhe agradeceu. E este era um samaritano. Então Jesus lhe perguntou: ‘Não foram dez os curados? E os outros nove, onde estão? Não houve quem voltasse para dar glória a Deus, a não ser este estrangeiro?’ E disse-lhe: ‘Levanta-te e vai! Tua fé te salvou’”.<sup>23</sup>

Jesus ficou admirado: “Como? Não foram curados os dez? Somente um voltou para dar glória a Deus?”. Ou seja, somente um entendeu o que realmente aconteceu. Jesus não os repreende só pela ingratidão, mas pela falta de conhecimento do alcance daquilo que tinha acontecido. É aqui que se introduz essa irreligiosidade de que falava Giussani, sem que a pessoa nem perceba. Não é que os outros não viram a cura; viram, tocaram, puderam tocá-la, mas não entenderam e perderam o melhor. É somente um, um samaritano – no Evangelho não escapa nada –, um que não fazia parte do povo de Israel, que não dá por óbvio o fato.

Onde se instala o problema? Antes de mais nada, no uso da razão frente ao que vemos. É aí que se estabelece tantas vezes uma irracionalidade ou um racionalismo: reduzimos o que vemos e bloqueamos a provocação que é feita à inteligência e ao coração proveniente daquilo que vemos. A questão da fé está relacionada não com o que não vemos, mas com o que vemos, que tocamos, que experimentamos – como a cura –, que nos obriga a expandir a razão e a nos deixar arrastar, magnetizar por essa Presença boa que entra na vida.

Quem é que aceita esse desafio que vem do real, de um real tão imponente, tão excepcional? O que é que nos permite conhecer sem reduzir, sem impor uma medida nossa para não perder o melhor? Dom Giussani

nos repetiu todos os dias: “O cristianismo apresenta assim o seu grande ‘inconveniente’: exige ‘homens’ para ser entendido e vivido. Homens: aquele nível da natureza no qual ela adquire consciência de si. Se a humanidade não vibra, não há persuasão de discurso religioso que resista. O cristianismo não possui outra ‘arma’ a não ser o ser humano que vive como tal”.<sup>24</sup> Por isso, ele dizia, “é o desejo que garante a fé real, pois a fé real é o reconhecimento da sua presença, dessa presença, mas aquele reconhecimento não é verdadeiro se não coincide [...] [com] o desejo. O desejo é o primeiro gesto, e a meu ver o único gesto, no qual a verdade do homem se joga, joga a si mesma realmente para dar lugar ao Senhor”. Esse desejo é a pobreza de coração, de espírito: “A pobreza do coração é o desejo daquela presença com a qual o coração não se perturba”.<sup>25</sup> Por isso, para os simples de coração é mais fácil. Como diz Chesterton, “os sábios – ouve-se dizer – não vêm resposta para o enigma da razão. O mal não é que os sábios não vêm a resposta, mas que não vêm o enigma”.<sup>26</sup>

Por isso temos tanta dificuldade, por essa falta de humanidade para entender até o fundo o que aconteceu no encontro, aquela esperança que Ele suscitou em nós. E por isso Dom Giussani nos repetiu tantas vezes aquela frase de Teófilo de Antioquia: “Tu me dirás: ‘Mostra-me o teu Deus’. E eu te digo: ‘Mostra-me primeiro o homem que há em ti, e depois eu te mostrarei o meu Deus’”.<sup>27</sup> E ele comentava: “Acho que essa frase deverá ser citada a cada reunião nossa. É tudo o que gostaríamos de saber dizer em 25 anos. O que posso lhe dizer é só uma resposta à sua humanidade; e se você não mostra a sua humanidade que resposta posso lhe dar? ‘Nada é tão pouco crível do que a resposta para uma pergunta que não se coloca’”.<sup>28</sup>

Dizia Santo Agostinho: “Sente-se atraído por Cristo o homem que encontra o seu deleite na verdade, na bem-aventurança, na justiça, na vida eterna, enfim, em tudo o que Cristo é”.<sup>29</sup> Eu entendo se tenho esse desejo da verdade se, encontrando Cristo, sinto-me todo atraído por Ele. E como vejo que me sinto realmente atraído? Pelo fato de que não me basta a cura! Que me interessa a cura sem Ele? Esse é o nosso drama, como o dos leprosos: apenas um sentiu a urgência, a necessidade de voltar, entendeu a dimensão do que tinha acontecido, entendeu que a coisa mais importante não era a cura, mas que através dela Ele tinha se tornado presente; que não lhe bastava ser curado, pois tinha necessidade dEle. Por isso, podemos ver tantas coisas que acontecem entre nós e não ter necessidade dEle, de chegar à fé, de chegar ao Seu reconhecimento, e por isso perdemos o melhor.

“Suficientemente demonstraís – prossegue Santo Agostinho – quão sublime fizestes a criatura racional [essa é a nossa grandeza!]; efetivamente, tudo o que for menor do que Vós, de modo algum, a sacia na ânsia de felicidade e repouso”<sup>30</sup>. Não nos basta nada que seja menor do que Ele.

Portanto, para entender, é necessário o humano despertado pela potência de um fato tão excepcional a ponto de magnetizar-nos totalmente. Mas muitas vezes, como os outros, não sentimos essa urgência. E aí, o que faz Jesus? Não se aborrece mas se admira que não entendamos, como se admirava que não entendessem naquela época, e continua a testemunhar, com uma postura que nasce de uma origem misteriosa, como a mãe que, mesmo quando não consegue tirar o sorriso da criança, continua a sorrir sem se cansar, sem se aborrecer, tentando fazer desabrochar o eu da criança que se expressa no sorriso. É o que faz Jesus.

## **2. A testemunha**

Segunda passagem. Na convivência com Ele aparece sempre mais a figura única, incomparável: a testemunha. A excepcionalidade e a singularidade dessa Presença faziam emergir sempre mais a pergunta: “Quem é este?”. Quem se faz uma pergunta assim diante de um outro reconhece que não é capaz de explicar o mistério daquela presença, daquela pessoa: aquela presença remete a outro lugar, não tem em si a explicação última, testemunha um Outro.

### **a) Cristo, testemunha do Pai**

Se olharmos para a nossa experiência, o que foi que impediu que venesse a distância, a abstração do Mistério? Foi o deparar-se com uma Presença que não pudemos reduzir a uma abstração. E qual é o sinal mais clamoroso? Que, assim como para os discípulos, muitas vezes nasce a pergunta: “Quem é este?”, que urge em nós. A fé – vimos na Escola de Comunidade – começa exatamente com esta pergunta: “Quem é este?”. “Aqui se coloca o problema da fé, a resposta à pergunta é a resposta de fé: uma pessoa diz ‘sim’ e outra diz ‘não’”.<sup>31</sup> Nada de abstração. A pergunta: “Quem é este?” nasce diante de uma presença que toco, que vejo, e que faz vir à tona a liberdade.

“Estas palavras causaram nova divisão entre os judeus. Muitos diziam: ‘Ele tem um demônio, perdeu o juízo. Por que o escutais?’ Outros diziam: ‘Estas palavras não são de alguém que tem um demônio. Acaso um demônio pode abrir os olhos aos cegos?’”.

Jesus, para continuar a colaborar com o destino de cada um, para evitar que eles encerrem a partida, desafia-os colocando-os frente às obras: “Por que, então, acusais de blasfêmia àquele que o Pai consagrou e enviou ao mundo, só porque disse: ‘Eu sou Filho de Deus’? Se não faço as obras do meu Pai, não acrediteis em mim. Mas, se eu as faço, mesmo que não queirais crer em mim, crede nas minhas obras [as obras que vocês podem olhar, que podem tocar, que podem ver; não encerrem a partida assim: as obras estão na sua frente], para que saibais e reconheçais que o Pai está em mim e eu no Pai”.<sup>32</sup>

Mas para provocar ainda a razão e a liberdade deles, não pára por aí: depois de tê-los saciado poderia contentar-se com isso, não? Queriam fazê-lo rei, tinham reconhecido, então por que não te contentas, Jesus? Ao contrário, provoca-os ainda mais.

“No dia seguinte, a multidão que tinha ficado do outro lado do mar notou que antes havia aí um só barco e que Jesus não tinha entrado nele com os discípulos, os quais tinham partido sozinhos. Entretanto, outros barcos chegaram de Tiberíades, perto do lugar onde tinham comido o pão depois de o Senhor ter dado graças. Quando a multidão percebeu que Jesus não estava aí, nem os seus discípulos, entraram nos barcos e foram procurar Jesus em Carfarnaum. Encontrando-o do outro lado do lago, perguntaram-lhe: ‘Rabi, quando chegaste aqui?’. Jesus respondeu: ‘Em verdade, em verdade, vos digo: estais me procurando não porque vistes sinais, mas porque comestes pão e ficastes saciados’”. Jesus não cede, não reduz a Sua proposta e continua a desafiar: “Trabalhai não pelo alimento que perece, mas pelo alimento que permanece até à vida eterna, e que o Filho do Homem vos dará. Pois a este, Deus Pai o assinalou com o seu selo”. E dá o último passo do desafio: “Em verdade, em verdade, vos digo: se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós”. Ele sabia que sem esse último passo todo o resto não teria sido suficiente para responder à necessidade humana deles, à necessidade daqueles que O escutavam, para preencher o coração. Chegar ao fim não é um *opcional*, a fé não é um *opcional*. Ou tudo desmorona ou tudo fica de pé se chegarmos até aqui. Por isso, Ele não pára: “Vós também quereis ir embora?”.

Que espetáculo de liberdade! Jesus não tem medo de ficar só, não cede quando está em jogo o destino do homem e a sua felicidade. Que paixão! Que paixão por cada um de nós! E essa liberdade de Jesus é a provocação mais poderosa à liberdade de Pedro, que é obrigado a se mostrar, a tomar posição, a falar de si mesmo do profundo do seu ser. Então Simão Pedro, com a sua impetuosidade de sempre, diz: “Mestre,

nós também não compreendemos o que dizes, mas se formos embora a quem iremos? Só tu tens palavras que explicam a vida. É impossível encontrar alguém igual a Ti. Se não devo acreditar em Ti, não posso mais acreditar nos meus olhos, não posso mais acreditar em nada”.<sup>33</sup>

Observem que essa é a verdadeira alternativa, diz Giussani: “É a grande, verdadeira, real alternativa: ou o nada no qual tudo acaba – o nada daquilo que você ama, o nada daquilo que você estima, o nada de você mesmo e dos amigos, o nada do céu e da terra, o nada, tudo é nada pois tudo acaba em cinzas – ou aquele homem tem razão, ele é o que diz ser”.<sup>34</sup> Se nós nos conformássemos com tudo e não chegássemos a conhecê-Lo, incrementaríamos o niilismo, e por isso cedo ou tarde a fé não nos interessaria mais. Chegar ao fim não é um *opcional*, é a única possibilidade que permanece interessante para a vida. Por isso nos interessa fazer todo o percurso do conhecimento. E Giussani comenta: “Este é o ponto que sintetiza todo esse dramático pôr-se de Cristo e o surgimento da fé no mundo, esse é o momento em que surge a fé em Cristo no mundo e ela durará até o fim do mundo”.<sup>35</sup>

Mas a partida não estará encerrada enquanto não encontrar resposta para a pergunta: “Quem é este?”, que o encontro com Ele faz surgir. A testemunha torna presente o Mistério para mim até o ponto de fazer brotar a pergunta “Quem é este?”, mas eu sozinho não consigo identificar o que é o Mistério. Como falamos às vezes entre nós: “Eu não consigo dizer que esse Mistério que encontrei é Cristo, não consigo dizer o Seu nome”. Nem os discípulos conseguiam. Eles tentaram responder à pergunta, houve tentativas de resposta (João Batista, Elias, Jeremias, algum dos profetas), mas não era suficiente.

Por isso, a testemunha não é só quem desperta a pergunta, mas quem responde a ela. Por isso Dom Giussani, em *Si può (veramente?!) vivere così?* acrescentou aos cinco pontos da fé (apresentados em *É possível viver assim?*) um outro ponto: “A sua resposta”;<sup>36</sup> é Ele o único capaz de responder à pergunta. E como responde? “Se um homem qualquer, vivendo na época de Cristo, encontrando-O, tivesse lhe dirigido a pergunta: “Quem és Tu? Como te chamas”, Jesus poderia ter respondido: “Eu sou o enviado do Pai” (*missus*, o enviado do Pai). Enviado por Outro: esta expressão implica o mistério no que se refere à Sua origem e ao Seu fim, implica o mistério total da Sua pessoa que, enquanto experimentalmente encontrável e existencialmente constatável, está ligada exatamente ao significado desta palavra: ‘enviado’”.<sup>37</sup> Se lermos o Evangelho de São João, encontraremos por toda parte esta expressão: “enviado”, “Eu sou ‘o enviado do Pai’, a expressão entre os homens do

mistério do Pai, a presença entre os homens do Mistério que faz todas as coisas”.<sup>38</sup> Ler o Evangelho de João procurando descobrir cada expressão na qual Jesus traduz a Sua consciência de ser enviado do Pai gera uma comoção frente ao Mistério. É essa a explicação última da Sua excepcionalidade: “Eu não estou só, mas o Pai que me enviou está comigo”.<sup>39</sup> “Eu e o Pai somos um”.<sup>40</sup> Cristo é a testemunha do Pai porque é o enviado do Pai.

E por que é razoável acreditar nEle como sendo o enviado do Pai? Por aqui se vê justamente a singularidade única do testemunho de Cristo. Ele não carrega o conteúdo da verdade como um profeta poderia carregar. Ele *é* a verdade. E como eu entendo, como eu sei? Porque Ele a torna presente comunicando-a de tal forma que nós podemos captar esse Seu testemunho único. “Entre Sócrates e Cristo – escreve von Balthasar –, no ponto decisivo, há somente oposição, já que Sócrates pode apenas remeter à verdade que ele não é, ao passo que Cristo é a verdade e pode portanto comunicá-la através de si mesmo”.<sup>41</sup> Cristo é a verdade e comunica-a comunicando-se.

Muitas vezes escutamos Dom Giussani dizer que em Cristo conteúdo e método coincidem, e isso tem uma importância decisiva: fazendo acontecer essa verdade que testemunha, Ele facilita o nosso reconhecimento.

Eu posso acreditar razoavelmente na testemunha Jesus de Nazaré, na testemunha externa que toco, que apalpo, que vejo, pela testemunha interna da correspondência que experimento no relacionamento com Ele: ambos os testemunhos coincidem. Por isso, se eu não crer em Ti não posso mais crer nos meus olhos, não posso mais crer em nada. A correspondência que experimento encontrando Jesus é tão única e impossível que só com Ele posso chegar a conhecer até o fundo a realidade. Não só conheço até o fundo a realidade, não só conheço até o fundo a mim mesmo, mas eu sou mais eu mesmo. Eu sei que é Ele porque incrementa o meu ser, torna possível a totalidade de mim mesmo. Por isso, necessito dEle. Encontrando Jesus – e somente Ele – realiza-se misteriosamente a minha humanidade segundo a estatura da experiência elementar; é uma desproporção estrutural tal que eu sozinho não posso realizar.

Podemos recordar a imagem que usava Dom Giussani do “Tubo de Quincke”<sup>42</sup> para indicar essa sintonia entre o encontro com uma pessoa histórica e as exigências infinitas do meu ser, do meu coração. Se a minha experiência elementar chega ao seu ápice quando consigo dizer: “Eu-sou-Tu-que-me-fazes”, encontrando Jesus posso dizer, por pura graça: “Eu-sou-Tu-que-me-atraís” pela esperança que Ele suscitou em

mim. “Cristo atrai-me todo tão belo é!”.<sup>43</sup> Eu, mas não mais eu. A decisão de aderir, de acreditar nEle, diz Dom Giussani, é “gerada somente pela descoberta de que o próprio eu é atraído por um Outro, de que a substância do meu eu, a substância do meu ser, o meu coração, é idêntica a ser ‘atraído por um Outro’”,<sup>44</sup> e nisto se realiza o meu eu.

Por isso, critério do coração e testemunha andam juntos. É inútil contrapor – como escutei falar algumas vezes neste período em que falamos da testemunha – coração e testemunha, porque é o coração que reconhece a testemunha por aquela experiência de plenitude que ninguém pode me dar. É o coração que me permite reconhecer a verdade porque é levado a uma plenitude que é um mais. “Portanto, o juízo acerca da credibilidade da testemunha”, diz Dom Giussani, “é um juízo que eu dou com a minha razão”: se não posso acreditar no que vêem os meus olhos, não posso acreditar em mim mesmo. “Eu cheguei a perceber por conhecimento direto, ou seja, pelo uso da minha razão. A fé não pressupõe fé para ser fé, mas pressupõe a razão para ser fé”.<sup>45</sup> Se não creio em Ti, não posso mais crer no que vêem os meus olhos, não posso mais crer em nada.

Portanto, a fé em Deus é fé em Cristo. Desse modo, Jesus cumpre o objetivo pelo qual entrou na história. Jesus não concebia, nos disse sempre Dom Giussani, “a atração que exercia sobre os outros como uma referência última a si, mas ao Pai: a si para que Ele pudesse conduzir ao Pai, como conhecimento e como obediência”,<sup>46</sup> porque é aí que se realiza toda a natureza do meu eu, que é desejo do Infinito. Se nós pararmos diante de qualquer cura, antes ou depois nos tornaremos céticos, porque não basta, não basta se não tenho a Ti, Cristo. Por isso Jesus não cede sequer um milímetro sobre isso, porque se cedesse seria o fim do cristianismo: “Quem crê em mim, não é em mim que crê, mas naquele que me enviou”.<sup>47</sup> Por isso a Sua missão é ser testemunha do Pai.

### **b) A Igreja, testemunha de Cristo**

Assim como Cristo é testemunha do Pai, a Igreja é testemunha de Cristo. A contemporaneidade de Cristo hoje é a Igreja. “A Igreja – diz a *Gaudium et Spes* – deve tornar presente e como que visível a Deus Pai e a seu Filho encarnado”.<sup>48</sup> Por isso a Igreja “é absolutamente interessada em excluir a qualidade puramente auto-referencial [qualquer auto-referencialidade] da fé que ela vive”.<sup>49</sup> O referente é Cristo. A Igreja – utilizando uma expressão, uma imagem caríssima aos Padres da Igreja – fala de si mesma como da lua. Diz Santo Ambrósio: “Esta é a verdadeira lua. [...] A Igreja não brilha com a própria luz, mas com a luz de

Cristo e extrai o seu esplendor do Sol de justiça, de modo que pode dizer: *Não sou mais eu que vivo, mas Cristo vive em mim*".<sup>50</sup> Através da Igreja é o próprio Cristo ressuscitado que continua a nos atrair, mas "*ao atrair para si, atrai para o Senhor: e portanto não atrai propriamente para si por si mesmo*"<sup>51</sup>, mas para conduzir ao Único capaz de realizar: não basta nada que seja menor do que Tu. Por isso, se nós paramos antes, cedo ou tarde o cristianismo, Cristo, não nos interessa mais. Se não entendemos isso, veremos na vida que não nos interessa, porque nenhuma outra coisa corresponde a isso. A fé não é um *opcional*.

E essa Igreja se documenta aos nossos olhos por meio das testemunhas. O mais importante para nós é Dom Giussani. Não foi por acaso que o Cardeal Ratzinger, durante o seu funeral, disse sobre Dom Giussani: "tendo guiado as pessoas não para si mesmo, mas para Cristo, ganhou justamente os corações".<sup>52</sup> Dom Giussani nos fascinou exatamente porque não conduziu as pessoas para si, a não ser para arrastá-las até Cristo, para nos arrastar até Cristo. Eu não sei qual é a modalidade com a qual o Mistério conduz cada um de nós ao destino, qual é a pessoa que coloca na frente de vocês, que os arrasta, isto é cada um de nós que sabe, cada um de vocês sabe. Quanta precedência é preciso dar a Ele que age e que coloca na minha frente testemunhas que suscitam em mim essa atração poderosa, para não pararmos, e para nos conduzir realmente ao Único que realiza!

### 3. A fé, reconhecimento do Mistério presente

"Existe na nossa experiência algo que provém de fora dela: imprevisível, misterioso, mas dentro dela. Se é imprevisível, não visível imediatamente, misterioso, com que instrumento da nossa personalidade nós nos damos conta dessa Presença? Com aquele instrumento que se chama fé.[...] Nós, na experiência, sentimos o sopro ou a vibração ou as conseqüências de uma Presença que não se pode explicar, surpreendente", mas que existe. "Eu disse que a fé é uma forma de conhecimento que está além do limite da razão. Por que está além do limite da razão? Porque capta uma coisa que a razão não consegue captar: 'a presença de Jesus entre nós', 'Cristo está aqui, agora'. A razão não consegue perceber isso da mesma forma que percebe que você está aqui, claro? Porém eu não posso deixar de admitir que essa coisa existe. Por quê? Porque há um fator aqui dentro, um fator que decide por essa companhia, decide por certos resultados dessa companhia, por certas ressonâncias nessa companhia, um fator tão surpreendente que

se eu não afirmo essa outra coisa não dou razão da experiência [...]. Pode haver um fator componente da realidade do qual se ouve o eco, do qual se percebe o fruto, do qual se vê também a conseqüência, mas não se consegue vê-lo diretamente. Se eu digo: ‘Então não existe’, erro, pois elimino algo da experiência, não é mais razoável”. Portanto, a fé “é um ato do conhecimento que capta a Presença de algo que a razão não saberia captar, mas que todavia se deve afirmar, caso contrário evitar-se-ia astutamente, eliminar-se-ia algo que existe dentro da experiência [...]; é inexplicável, mas existe. Obrigatoriamente há em mim uma capacidade de entender, de conhecer um nível da realidade que é maior do que o comum”.<sup>53</sup> Porque Ele faz acontecer isso, torna-me capaz de perceber pois expande a minha capacidade de entender.

Essa foi a luta que Jesus travou com os discípulos e que trava conosco. Diz von Balthasar: “A maneira como os apóstolos, enquanto israelitas crentes, freqüentaram terrenamente o Senhor era fundamentalmente [absolutamente] veterotestamentária. [...] Os discípulos, com efeito, são sempre, num primeiro tempo, fechados e obstinados junto com o povo; eles não compreendem, são de pouca fé, sem coragem para crer, ávidos por sinais extraordinários, ambiciosos, autênticos representantes da sua raça [é um consolo para nós...]. [...] A dificuldade para os apóstolos, na sua relação terrena com o Senhor, não foi por causa da experiência sensível [não quer dizer que não vissem: eles viam], mas por causa da fé [eles paravam antes], pela fé proporcionada a *esse* objeto de fé, a qual é portanto capaz de percebê-lo”.<sup>54</sup> Não eram capazes de captar a excepcionalidade. Por isso, toda a luta que Cristo trava conosco, sem aceitar reduzir o seu alcance, é como com os discípulos: tentar facilitar para que nós não nos detenhamos na experiência sensível, mas reconheçamos aquilo que está dentro da experiência.

Aqui encontramos o último obstáculo, pois reconhecer isso não é sempre fácil. Diz Dom Giussani: o que facilita para nós esse reconhecimento de Algo que existe mas eu não vejo? Como escreveu em *O Senso religioso*: a superação desse vazio entre a minha razão e a minha vontade de aderir como acontece? A superação acontece por meio da presença da autoridade e da companhia (lembram o que ele falava sobre a experiência do risco?).

Mas isto vale até um certo limite. Quando as coisas se tornam realmente cruas – imaginemos os apóstolos durante a Paixão: todos o abandonaram, nem mesmo a presença de Jesus entre eles pôde fazer nada – então é preciso uma força mais poderosa: chama-se Cristo ressuscitado e o Seu Espírito que domina o mundo, que entra no mundo – Pentecos-

tes – para facilitar esse último reconhecimento. Por isso, esse reconhecimento é graça. Só a graça “a um certo ponto realiza aquilo que a companhia não conseguiu realizar e aquilo que o grande homem não conseguiu realizar”.<sup>55</sup> Por isso, diz Dom Giussani, “a fé é racional, na medida em que floresce no extremo limite da dinâmica racional como uma flor de graça, à qual o homem adere com a sua liberdade”.<sup>56</sup> São Paulo afirma isso com estas palavras: “Ninguém pode dizer ‘Jesus é o Senhor’ [ou seja, afirmar toda a verdade de Jesus], a não ser sob a influência do Espírito Santo”.<sup>57</sup> É Ele quem nos leva à plena verdade, ao reconhecimento pleno de Cristo.

É tudo o que nos testemunhou Dom Giussani, como ele disse, e com isso encerro: “Cristo, este é o nome que indica e define uma realidade que encontrei na minha vida. Encontrei, ouvi falar dela primeiramente quando era pequeno, depois quando jovem, etc. Podemos nos tornar adultos e esta palavra é conhecida por todos, mas para muitas pessoas não é algo encontrado, não é realmente experimentado como presente; ao passo que Cristo se deparou com a minha vida, a minha vida se deparou com Cristo justamente para que eu aprendesse a entender como Ele é o ponto nevrálgico de tudo, de toda a minha vida. *Cristo é a vida da minha vida*. NEle se realiza tudo o que eu gostaria, tudo o que eu busco, tudo o que eu sacrifico, tudo o que em mim se desenrola por amor às pessoas com as quais Ele me colocou. Como dizia Möhler em uma frase que citei tantas vezes: ‘Eu penso que não poderia mais viver se não o ouvisse mais falar’[...]. Talvez uma das frases que mais recordei na minha vida. Cristo, vida da vida, certeza do destino bom e companhia para a vida quotidiana, companhia familiar e que transforma em bem. Isto representa a eficácia dEle na minha vida”.<sup>58</sup>

É uma fé assim, a fé que Dom Giussani nos testemunhou, que quis nos transmitir, e nós não podemos fazer outra coisa a não ser pedir, como diz o Evangelho: “Aumenta a nossa fé!”.<sup>59</sup>

## SANTA MISSA

SAUDAÇÃO INICIAL DE SUA EMINÊNCIA CARDEAL STANISLAW RYLKO  
PRESIDENTE DO PONTIFÍCIO CONSELHO PARA OS LEIGOS

Caríssimos amigos, minha cordial saudação a todos: a vocês que estão reunidos em Rímíni e a vocês que, espalhados em vários países dos cinco continentes, participam dos exercícios Espirituais da Fraternidade de CL via satélite. Este encontro anual é um testemunho forte da vossa comunhão na fé e momento privilegiado de restauro espiritual do qual cada um de nós precisa para continuar a caminhar.

“Ficai sabendo que o Senhor é Deus; ele nos fez e somos seus, seu povo e rebanho” (Sl 99,3). O salmo responsorial expressa bem o tema que vocês escolheram neste ano para meditar: a fé que vence o mundo. A fé significa exatamente isto: pertencer a Cristo (“somos seus”), e pertencer ao povo dos que crêem, que é a Igreja – companhia de amigos a caminho, como diz Bento XVI (“somos seu povo”). A nossa identidade de cristãos se baseia nesse duplo pertencer.

Caríssimos, fortalecidos por essa convicção, iniciemos a celebração da Eucaristia invocando sobre nós a divina misericórdia.

### HOMILIA

#### **Cristão, ou seja, “sinal de contradição”**

1. Por que fazer exercícios espirituais? Qual é o sentido desse tempo que o Senhor nos doa? “Os exercícios espirituais – disse recentemente o Santo Padre – representam uma vida e um método particularmente precioso para procurar e encontrar Deus em nós, ao nosso redor e em cada coisa, para conhecer a sua vontade e pô-la em prática” (*Discurso* “L’Osservatore Romano”, 22 de fevereiro de 2008). E Dom Giussani escrevia que “não é possível construir senão sobre a rocha, sobre aquilo que é certo. Sem certeza não se constrói nada” (*É possível viver assim?*, p. 31). Num mundo de insidiosas areias movediças, precisamos então procurar a certeza na qual enxertar a nossa existência, a rocha sobre a qual construir a nossa vida. Os exercícios espirituais são o lugar da busca mais intensa daquela rocha e daquela certeza absoluta que é Cristo.

Paradigma dos exercícios espirituais parece-me que possa ser a história dos discípulos de Emaús, que é na verdade o paradigma de toda a vida

cristã. Jesus ressuscitado se faz companheiro de caminho para reacender no nosso coração o ardor da fé e da esperança, para partir para nós o pão da vida eterna. É um caminho de amadurecimento e de purificação da nossa fé. Recentemente Bento XVI falou a respeito disso (Cf. *Regina coeli*, “L’Osservatore Romano”, 7-8 de abril de 2008). Para vocês, caríssimos amigos, Emaús é Rímíni: aqui o Senhor os chama a cada ano e se faz companheiro para falar-lhes no íntimo do coração, para explicar-lhes as Escrituras, para partir-lhes o pão. Para recolocá-los sobre a rocha...

2. O trecho que escutamos dos Atos dos Apóstolos nos remete aos tempos da primeiríssima evangelização do nosso continente e induz inevitavelmente a pensar na situação da fé na Europa. “Durante a noite, Paulo teve uma visão: na sua frente, estava de pé um macedônio que lhe suplicava: ‘Vem à Mecedônia e ajuda-nos!’” (*At* 16,9). A evangelização da Europa teve início com esse grito dramático dirigido ao Apóstolo: “Vem... e ajuda-nos!”. A dois mil anos daquela época, que lugar tem a fé na vida dos europeus? A resposta chega até nós através das páginas da exortação apostólica *Ecclesia in Europa*, onde o servo de Deus João Paulo II explicava assim o “período de crise” que atravessa o Velho Continente: “Na raiz da crise da esperança, está a *tentativa de fazer prevalecer uma antropologia sem Deus e sem Cristo*. Esta forma de pensar levou a considerar o homem como ‘o centro absoluto da realidade, fazendo-o ocupar astuciosamente o lugar de Deus e esquecendo que não é o homem que cria Deus, mas é Deus que cria o homem. O ter esquecido Deus levou a abandonar o homem [...]’. A cultura européia dá a impressão de uma ‘apostasia silenciosa’ por parte do homem saciado, que vive como se Deus não existisse” (n.9). É o drama da Europa que renega as suas raízes cristãs e apaga, assim, a própria identidade, da Europa que rejeita a rocha que é Deus e que pretende construir o seu presente e o seu futuro sobre a areia, insensível ao conselho de Bento XVI que “as contas sobre o homem, sem Deus, não batem, e as contas sobre o mundo, sobre todo o universo, sem Ele não batem.” (*Homilia*, “L’Osservatore Romano”, 14 de setembro de 2006). Pois, como recordou o Papa em Aparecida, no Brasil, “quem exclui Deus do seu horizonte falsifica o conceito de ‘realidade’ [...]. Somente quem reconhece Deus, conhece a realidade e pode corresponder-lhe de modo adequado e realmente humano” (*Discurso*, “L’Osservatore Romano”, 14-15 de maio e 2007). Certamente, a fé em Jesus Cristo não pode jamais ser dada por óbvio. Muito menos na era pós-moderna. A fé é um desafio sempre aberto, para todos, para cada um e cada uma de nós. Então, nestes exercícios espirituais cada um deve se

sentir interpelado a recolocar Deus realmente no centro da própria existência, da própria família, da comunidade onde vive.

Não só. A sede de Deus de tantos homens e mulheres de hoje, especialmente dos jovens, uma fé que nem os obstáculos nem os fechamentos da pós-modernidade conseguem apagar, exige que os cristãos, ou seja, nós, assumamos a tarefa de responder ao grito de tantos “macedônios” do nosso tempo: “Vem... e ajuda-nos!”. É um pedido ao qual não podemos ficar surdos. O mundo necessita de nós cristãos; necessita da nossa presença visível e incisiva, do nosso testemunho de fé clara e persuasiva e de um anúncio corajoso da Palavra que salva. Quanta história daquele sonho de Paulo nos recordaram os Atos dos Apóstolos! Todavia, hoje, parece termos voltado às origens: a Europa é novamente terra de missão e a nossa responsabilidade de cristãos é enorme.

3. Testemunhar a fé não é fácil. A propósito disso nos alerta o próprio Cristo quando nos diz claramente, no trecho do evangelho que escutamos: “Se o mundo vos odeia, sabeí que primeiro me odiou a mim [...] Lembrai-vos daquilo que eu vos disse: ‘O servo não é maior que o seu senhor’. Se perseguiram a mim, também perseguirão a vós” (Jo 15,18-20) O cristão está destinado a se tornar de um jeito ou de outro “sinal de contradição”, como o Mestre. Escreve Hans Urs von Balthasar: “Pelo ensinamento de Cristo, o estado de perseguição é o estado normal da Igreja no mundo, e o martírio do cristão é a sua condição normal. Não no sentido de que a Igreja deva ser continuamente e em toda parte perseguida, mas se ela é perseguida por certo tempo e em determinadas regiões, deve logo recordar que participa de uma graça que lhe foi prometida: ‘Eu vos falei assim, para que vos recordeis do que disse, quando chegar a hora’ (Jo 16,4). Tais palavras não podem ser superadas por nenhuma evolução do mundo” (Cordula... p.183). Podem, portanto, mudar as formas e os métodos da luta contra Cristo e sua Igreja, mas as perseguições aos cristãos permanecem uma constante, mesmo em tempos como os nossos que se saciam de palavras como liberdade, igualdade, pluralismo, tolerância... Escreve João Paulo II: “No nosso século, voltaram os mártires, muitas vezes desconhecidos, como que ‘militi ignoti’ da grande causa de Deus. Tanto quanto seja possível, não se devem deixar perder na Igreja os seus testemunhos” (Carta apostólica *Terzio millennio adveniente*, n. 37).

Com sua inteira existência e o testemunho da fé até o derramamento do sangue, os mártires nos falam da centralidade de Deus na vida do homem: uma mensagem de fundamental importância para a humanidade de hoje. O Santo Padre Bento XVI não cansa de repetir: “Trata-se da centralidade de

Deus, e precisamente não de um deus qualquer, mas do Deus que tem o rosto de Jesus Cristo [...] Há tantos problemas que podem ser elencados, que devem ser resolvidos, mas que todos nunca são resolvidos se Deus não for colocado no centro, se Deus não se torna de novo visível no mundo, se não se torna determinante na nossa vida” (*Homilia*, “L’Osservatore Romano”, 8 de novembro de 2006). Os mártires, portanto, nos infundem a coragem de apostar a vida em Deus. Eles nos chamam para o valor incomensurável da fé, pela qual – assim como pelo tesouro da parábola evangélica – vale a pena dar tudo: “*Amor Dei usque ad contemptum Sui*”, o amor de Deus, até o desprezo de si, como dizia Santo Agostinho (*De civitate Deus*). Recordam-nos que ser cristão comporta escolhas radicais – o sal deve dar sabor e a lâmpada deve irradiar a luz – e quer dizer muitas vezes ir contra a corrente, ser “sinal de contradição” no mundo e no próprio ambiente de vida. Os mártires nos encorajam a sermos nós mesmos, ou seja, cristãos, no mundo e a não esconder ou diluir a nossa identidade de discípulos de Cristo. O testemunho deles para nós é um soco saudável, soco saudável para a nossa fé, amiúde demais conformada ao espírito do mundo, fraca, fácil de se comprometer com a cultura que domina atualmente o cenário.

Caríssimos amigos, refletindo sobre o dom da fé, nestes exercícios espirituais, busquemos então fazer tesouro dos testemunhos da fileira de mártires que povoam a história da Igreja: aqueles de épocas mais distantes e aqueles do nosso tempo. A Maria, que veneramos como Rainha dos mártires e dos confessores, peçamos que seja para nós mestra no aprendizado dessa lição, que é determinante para vida de todo cristão. Assim seja.

#### ANTES DA BÊNÇÃO

**Julián Carrón.** Eminência, permita-me agradecer-lhe em nome de todos nós por sua cada vez mais cara paternidade. Pedimos ao senhor que reze por nós, para que possamos – seguindo o carisma de Dom Giussani – testemunhar diante de todos aquilo que temos de mais caro, para o bem da Igreja e para o bem do mundo. Obrigado.

**Cardeal Rylko.** Sou eu que vos agradeço pelo testemunho de fé que vocês estão dando e pelo testemunho desse fato tão importante e fascinante: a beleza de ser cristão e a alegria de comunicar isso ao mundo. Vocês estão sempre presentes nas minhas orações. Parabéns! Continuem assim rumo a essa grande meta que Dom Giussani lhes mostrou.

# *Sábado, 26 de abril, tarde*

*Na entrada e na saída:*

*Ludwig van Beethoven: Triplo concerto em Dó maior para piano, violino, violoncelo e orquestra, op. 56*

*David Oistrakh, violino – Mstislav Rostropovich, violoncelo  
Sviatoslav Richter, piano*

*Herbert von Karajan – Berliner Philharmoniker, EMI*

## ■ SEGUNDA MEDITAÇÃO

### *A vida na fé*

#### 1. Quem crê tem a vida eterna

**Julián Carrón.** “A nossa pessoa está apoiada em quê? Sobre o que se sustenta, mais simplesmente?”,<sup>60</sup> perguntava-se Dom Giussani anos atrás. Semelhante pergunta se faz o Papa na encíclica *Spe salvi*: “Para nós, hoje a fé cristã é também uma esperança que transforma e sustenta a nossa vida?”. Prossegue o Papa: “Na busca de uma resposta, desejo partir da forma clássica do diálogo, usado no rito do Batismo, para exprimir o acolhimento do recém-nascido na comunidade dos crentes e o seu renascimento em Cristo. O sacerdote perguntava, antes de mais nada, qual era o nome que os pais tinham escolhido para a criança, e prosseguia: ‘O que é que pedis à Igreja?’. Resposta: ‘A fé’. ‘E o que é que vos dá a fé?’. ‘A vida eterna’. Como vemos por este diálogo, os pais pediam para a criança o acesso à fé, a comunhão com os crentes, porque viam na fé a chave para a ‘vida eterna’. Com efeito hoje, como sempre, é disto que se trata no Batismo, quando nos tornamos cristãos: é não somente um ato de socialização no âmbito da comunidade, nem simplesmente de acolhimento na Igreja. Os pais esperam algo mais para o batizando: esperam que a fé – de que faz parte a corporeidade da Igreja e dos seus sacramentos – lhe dê a vida, a vida eterna”.<sup>61</sup> Neste sentido, o Catecismo da Igreja diz: “O Batismo é de maneira especial ‘o sacramento da fé’, uma vez que é a entrada sacramental na vida de fé”.<sup>62</sup>

O que esperavam e esperam os pais que levam um filho para ser batizado é o mesmo que nós esperamos: que a fé nos dê a vida. A única coisa que torna razoável a fé é a sua promessa de nos trazer a vida. Por isso

Deus interveio na história, para nos trazer essa vida, e essa vida chega até nós com o Batismo. “Normalmente, porém – comenta Dom Giussani –, na hierarquia de estima e de interesse que governa a nossa vida, nada é mais estranho do que o Batismo”. Por que, sendo assim tão decisivo a ponto de nos trazer a vida, é tão estranho? Porque esse início, datado no tempo, muitas vezes é “sepultado sob uma espessa camada de terra ou num túmulo de esquecimento e ignorância”.<sup>63</sup>

Para muitos entre nós o Batismo era exatamente assim, sepultado no esquecimento. O que é que despertou em nós o interesse pela fé doada no Batismo? Como se recomença a entender o seu alcance? Cada um de nós sabe muito bem: começa-se a entender – explicou-nos sempre Dom Giussani – no encontro com uma companhia cristã viva. De fato, “a fé que se requer para o Batismo – diz o Catecismo – não é uma fé perfeita e madura, mas um começo, que deve desenvolver-se. [...] Em todos os batizados, crianças ou adultos, a fé deve crescer *após* o Batismo”.<sup>64</sup>

Como cresce e se desenvolve a fé? No pertencer à Igreja. Por isso o Batismo nos incorpora na comunidade dos que crêem pelo fato de nos tornar uma só pessoa em Cristo. “Com efeito, vós todos sois filhos de Deus pela fé no Cristo Jesus. Vós todos que fostes batizados em Cristo vos revestistes de Cristo. Não há mais judeu ou grego, escravo ou livre, homem ou mulher, pois todos vós sois um só [eis, insistia sempre Dom Giussani, uma só pessoa] em Cristo Jesus”.<sup>65</sup> É por isso que o catecismo continua: “O Batismo é o sacramento da fé. Mas a fé tem necessidade da comunidade dos crentes. Cada um dos fiéis só pode crer dentro da fé da Igreja”.<sup>66</sup> No corpo de Cristo se comunica a novidade de Cristo: a novidade que Ele trouxe.

“A Igreja, portanto, é o método com o qual Cristo se comunica no tempo e no espaço, analogamente ao fato de que Cristo é o método com o qual Deus escolheu comunicar-se aos homens para salvá-los”. Se não estivesse presente na Igreja viva, “Cristo estaria irremediavelmente distante e por isso seria vítima da nossa interpretação, [...] reduzido de forma subjetivista como conteúdo e como método”.<sup>67</sup>

No encontro com o Movimento, experimentamos o despertar-se em nós da fé, do interesse de Cristo para a vida. O Movimento foi para nós essa companhia cristã viva, na qual se despertou todo o interesse por Ele. Mas o que aconteceu depois?

Depois – insiste Dom Giussani em tantas ocasiões – o início cessou e “deixou de ser verdade oferecida à nossa pessoa”<sup>68</sup> de novo. Depois da esperança suscitada no encontro com o Movimento, parece que com o passar do tempo tudo se torne de novo achatado e, inúmeras vezes, frente

às novas promessas feitas a nós, é como se nos encontrássemos sempre um pouco mais céticos e nos vem a mesma pergunta de Nicodemos: “Como pode alguém nascer, se já é velho?”<sup>69</sup>. Existe ainda esperança para nós? Ainda é realista esperar? Depois que conhecemos nós mesmos, as circunstâncias, a vida, existe algo que nos segura, que nos sustenta?

Para entender o que aconteceu depois, observemos o que diz Dom Giusani pois me parece muito significativo. Imaginem uma casa do Grupo Adulto ou um grupo de Fraternidade dos nossos, numa linda noite de cantos com um clima de amizade e de fraternidade, de companhia numa aventura. “É realmente muito bonita, seja como música, seja como canção, seja como sentimento humano de amizade, de fraternidade e de companhia numa aventura. Contudo, se pudéssemos fazer uma lista das coisas assim como eu fiz agora e basta, e fosse considerada óbvia alguma outra coisa – aceita e reconhecida (estamos entendidos!), mas considerada óbvia –, e não fosse o Seu nome produzido por uma ênfase de diálogo, de vontade de se fazer escutar, de vontade de escutá-lo”; se não sentimos a urgência de escutá-lo, se Cristo, o Seu nome “não tivesse personalidade a um certo ponto autônoma, se não tivesse um rosto em última instância singular, com traços inconfundíveis, também com aqueles que Ele mesmo criou como sinal de si”, Cristo perderia “aquela singularidade última inconfundível”. Se Cristo perde essa singularidade última, a pessoa pode ir aos Estados Unidos, como era o caso naquela noite, por motivo de trabalho, sustentada pela lembrança amigável de uma companhia que espera a sua volta; pode ter um trabalho excepcionalmente satisfatório, realmente pertinente a ponto de que todos os outros se encantam com a sua contribuição; mas não basta. “Se [Cristo] não é o objeto pensado (memória), dito (invocação), contemplado com maravilha e com gosto, tanto que se traduz em letícia por uma presença” até o ponto de chegar a dizer: “o meu coração exulta porque Tu vives”<sup>70</sup>, todo o resto não basta.

“Fiquemos atentos pois entre nós Jesus pode ser a origem de todo o mundo de humanidade [uma belíssima companhia, cantar juntos, ficar em casa, sentirmo-nos realmente bem], repleto de letícia e de amizade, de razões formalmente irrepreensíveis e de ajuda até materialmente concreta. [...] Mas Jesus poderia ser reduzido ao ‘retrato de uma linda mulher esculpido no monumento sepulcral dela’ [Cristo pode ser um retrato num sepulcro]. Se Jesus chegasse aqui em silêncio – *softly* – e se sentasse numa cadeira ali, perto dela, e todos em certo momento o percebêssemos, não sei em quantos de nós a maravilha, a gratidão, a alegria... não sei em quantos de nós a afeição seria realmente espontânea”, como se fosse um amigo conhecido, com uma familiaridade simples. “Não sei se não nos

sentiríamos cobertos por um manto de vergonha se percebêssemos naquele instante que nunca dissemos “Tu”, que ficamos juntos, que foi tudo bonito, mas ninguém sentiu a necessidade de dizer o Seu nome.

Sem um eu pessoal que diz: ‘Tu’ a Cristo, como se diz a um homem presente, Cristo é “dilapidado ou escavado pelo mostrar-se belo e alegre da companhia de rostos que deveriam ser acenado sinal dEle!”, mas nós ficamos aí, paramos no sinal. É verdade, “a companhia é o sinal – insatisfatório, aproximativo, analógico – de uma realidade do outro mundo! [...] A presença de Cristo no mundo é o milagre da nossa companhia. [...] Não se trata de amortecer o peso da nossa amizade [para afirmar Cristo, não se trata de diminuir nada], de tornar nebulosa a eficácia cheia de olhos, de lábios e de rosto, de palavra, de canto, de coração, de uma companhia bonita como esta, mas é como uma espécie de exasperada tensão para gritar o teu nome, ó Cristo: ‘obrigado porque Tu te mostraste e sentaste aqui’”.<sup>71</sup>

A fé é essa exasperada tensão para reconhecer e dizer o Seu nome, Ele age no meio de nós. Mas muitas vezes cada um de nós pode-se reconhecer nisso que Dom Giussani descreve. Lembro-me de uma vez com meus amigos da Escola de Comunidade: contavam tantas coisas bonitas por um bom tempo durante o jantar, mas ninguém sentia a urgência de dizer o Seu nome. E me vinha este exemplo: é como se uma de vocês, a quem tivesse sido dado um magnífico buquê de flores, não se cansasse de falar do buquê de flores que lhe deram, mas não sentisse a urgência de dizer o nome, de falar de quem lhe presenteou o buquê. Não nos é natural, faltanos aquela exasperada tensão para gritar o Teu nome, ó Cristo! Muitas vezes o percebemos forçado, como um acréscimo, como algo que se sobre põe. Mas quem poderia dizer que falar com entusiasmo da pessoa que nos mandou as flores é um acréscimo, é uma dedução ou um autoconvencimento? Só quem não entendeu o verdadeiro significado das flores, só em quem falta aquela exasperada tensão para dizer o Seu nome.

Por isso se as flores não são a ocasião para despertar a memória dEle, a noite passa e, assim como a flor, apodrece; o início começa a cessar, começa a perder o fascínio. Que aconteceu? “A um certo ponto – dizia Dom Giussani em Colfosco, em 1982 – a companhia se tornou a verdadeira substituta de Cristo”.<sup>72</sup> Por isso cessa. Dom Giussani nos disse isso de todas as formas: “O Movimento – dizia em Viterbo em 1977 – nasceu de uma presença que se impunha e que levava à vida a provocação de uma promessa a ser seguida. Mas depois confiamos a continuidade desse início aos discursos e às iniciativas, às reuniões e coisas a fazer. Não confiamos à nossa vida; de forma que o início, muito cedo, deixou de ser verdade ofe-

recida à nossa pessoa e se tornou motivo para uma associação, para uma realidade na qual descarregar a responsabilidade do próprio trabalho e da qual pretender a solução das coisas. Aquilo que devia ser a acolhida de uma provocação e portanto um seguir vivo, tornou-se obediência à organização”.<sup>73</sup> Não tínhamos entendido que aquilo que tinha despertado o interesse pelo Movimento era justamente Ele, que se mostrava no rosto daqueles que tínhamos encontrado, era Ele naqueles rostos.

É chocante o que Giussani diz: “Olhar a Ti [Cristo] nesta companhia pode ser tão difícil para nós como é para a maioria dos homens que vivem essas coisas sozinhos, com uma aproximação assustadora, mortal, com uma solidão mortal do coração”.<sup>74</sup> Basta pensar em quantas noites passamos juntos e depois podemos voltar pra casa sem tê-Lo reconhecido. Mas a nossa companhia é sustentada só pelo fato que Te reconhecemos, Cristo! Se não O vemos aí dentro e não O reconhecemos, podemos até continuar a falar de Cristo, mas falamos dele como um realce “espiritual”, pois o concreto é outra coisa; essa é a forma como se torna abstrato, cada vez mais abstrato.

“Que a salvação seja Jesus Cristo e que a libertação da vida e do homem, aqui e no além, esteja ligada continuamente ao encontro com Ele, para muitos de nós tornou-se realce ‘espiritual’. O concreto seria outra coisa: a organização, o trabalho, as reuniões... mas não como expressões de uma exigência de vida, antes, como mortificação de vida, como um peso, pedágio a ser pago a um pertencer que nos encontra ainda inexplicavelmente esperando na fila”.<sup>75</sup> É a nossa tentativa de reduzir a Igreja, o lugar da Sua presença, o Movimento, a uma bela companhia, a coisas a fazer, a organização, como os discípulos tentavam reduzir Cristo aos seus próprios esquemas. Mas isto, antes ou depois, nos decepciona e a vida cessa; o interesse por Ele, que se tinha despertado, acaba.

Por isso, precisamos prestar atenção em duas tentações sempre à espreita, que podemos definir sinteticamente assim: conceber um Cristo sem Igreja, ou seja, enviar Cristo para fora da realidade, para um mundo distante, sobrenatural, e reduzi-Lo a nossa interpretação ou a nossa medida; ou conceber uma Igreja sem Cristo, na qual ela é percebida não como o corpo de Cristo, que O torna presente, mas como a substituta de Cristo. O denominador comum das duas tentações é que Cristo fica fora da realidade. Mas a Igreja, o Movimento, continuará a ser interessante para nós, continuará a nos interessar, a nos magnetizar hoje como no início, a “nos bloquear”, se for irredutível a nossa interpretação, a nossa medida, se cumprir a sua natureza de ser “lua” – como falávamos hoje de manhã –, de ser toda reflexo do “sol” Cristo.

“A ‘companhia’ da qual falamos – dizia Dom Giussani – não é uma realidade feita ou encontrada por nós [não somos nós que a geramos]. Ela é querida, adquire consistência e permanência por um Outro. [...] O termo preciso que revela a ontologia, a natureza última, desse cosmo humano é ‘comunhão’, por isso somos membros de Cristo e membros uns dos outros, pertencemos a um só Corpo, o Corpo de Cristo. Não existe Cristo na história sem nós, mas não existe um ‘nós’, a comunhão entre nós, sem Cristo”.<sup>76</sup>

Por tanto, a única esperança é que nós não “tenhamos sucesso” nessa tentativa de reduzir a Igreja, pois ficaríamos sozinhos com o nosso nada. O que é que nos impede de reduzir a Igreja a nossa medida? “Na Igreja, Deus se torna familiar ao homem de todos os tempos. A familiaridade de relacionamento quotidiano [com Deus,] de Deus conosco se explica, também e de forma especialmente persuasiva, em acontecimentos e pessoas que chamam diretamente para Ele”.<sup>77</sup> A Igreja continua a ser Igreja se chama diretamente para Ele. E como isso acontece? Por meio de pessoas e acontecimentos. Nós vimos ontem, vendo o vídeo dos Zerbini: quem é que não se sentiu chamado?

E isso adquire a forma do milagre e da santidade. “O *milagre* é o acontecimento de algo que ‘obriga’ a pensar em Deus”, que se impõe tão poderosamente que não podemos reduzi-lo a nossa medida. Os santos são “figuras que possuem uma estatura humana digna dos mais verdadeiros desejos do coração do homem. Neles se realiza uma humanidade excepcional, impossível de se imaginar. [...] Jesus Cristo não é uma presença isolada na distância da história, a ponto de poder aparecer como fruto de uma imaginação. Ele é uma Presença dez anos após Sua morte, mil anos depois da Sua morte, dois mil anos depois da Sua morte, até hoje, por meio dessa humanidade diferente dos santos; uma presença humana impossível de se imaginar”.<sup>78</sup>

Os santos, ou seja, as testemunhas, aqueles que entre nós nos impedem de reduzir Cristo a nossa medida: nós os vemos, tocamos. Quem não se sentiu poderosamente chamado ao ver a Cleuza falar, ontem? Quem não O viu, não O percebeu pelo testemunho da nossa amiga Vicky, da Uganda? Ou vendo a mostra da Cometa no verão passado? São fatos! Ou então nossos amigos de Nápoles que, em situações realmente complicadas, continuam a nos testemunhar o que é Cristo e a Sua vitória e não se deixam reduzir? Cristo não tem nada de abstrato! É uma coisa tão real que, pela Sua presença histórica na Igreja e nos Seus testemunhos, torna-se uma realidade irredutível a qualquer tentativa nossa, desafiando o coração do homem, razão, liberdade e afeição. Nada de abstrato!

Por como se vê que não é abstrato? Por como se vê que é real? Pela nossa resistência. A pessoa não resiste ao nada, não resiste ao abstrato: resiste a algo real que a desafia continuamente. Todas as nossas tentativas de reduzir a companhia são tentativas de reduzir o drama que a realidade da Igreja introduz. É resistência à exasperada tensão à qual nos introduz, é o desinteresse por nós mesmos e por aqueles aos quais dizemos que queremos bem. Ao contrário, é a Sua irredutibilidade que nos salva, empurrando-nos para Ele. Se a nossa tentativa de reduzi-lo tivesse êxito, não nos interessaria mais, e uma vez reduzido àquilo que quero, tornar-se-ia irrelevante. Sem essa tensão o eu decai, porque é Ele que constrói a comunidade, que – como estudamos na Escola de Comunidade –<sup>79</sup> é *convocatio* antes de ser *congregatio*: fomos escolhidos, magnetizados.

É essa a luta que Cristo estabeleceu comigo, com cada um de nós no dia do Batismo, uma luta feroz, que leva avante através do Seu corpo, que é a Igreja, e não conseguiremos – graças a Deus, é bom dizer logo – reduzi-la porque Ele está presente no meio de nós. É aqui que a nossa liberdade é chamada em causa. Por isso todas as nossas tentativas de descarregar a nossa responsabilidade na companhia são patéticas, são a nossa mentira, a nossa indisponibilidade à conversão para a qual somos chamados. É uma tentação sempre à espreita, como nos recorda Dostoiévski: “Nada angustia mais o homem do que o pensamento de encontrar logo em quem repor [sobre o qual descarregar] o dom da liberdade”.<sup>80</sup>

“Parece que o homem tenha se cansado – diz Berdjajev – da própria liberdade espiritual, e esteja pronto a renunciar a ela em nome de uma força que organize a sua vida interior e exteriormente”.<sup>81</sup> Assim a vida cessa.

A nossa companhia existe não para nos poupar o drama da liberdade, mas para provocar continuamente a nossa responsabilidade. Para isso o Movimento deveria deixar de existir, poderia até continuar com o mesmo nome, mas seria uma outra coisa, pois a nossa responsabilidade “não se pode descarregar na companhia. O coração é a única coisa na qual é como se não houvesse parceiros. [...] A nossa companhia quer não mais permitir que o tempo passe sem que a nossa existência peça, persiga, queira o relacionamento com Deus presente e sem que a nossa existência queira ou aceite aquela companhia, sem a qual sequer seria verdadeira a imagem da Sua presença”.<sup>82</sup>

É assim, nessa luta dramática que o Mistério começou entrando na história, e que leva adiante para introduzir cada um de nós na vida, Cristo nos alcança por meio da nossa comunhão para nos introduzir num relacionamento com Ele, para que o Mistério se torne familiar. “De fato, Deus amou tanto o mundo, que deu o seu Filho único, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna. Pois Deus enviou o seu Filho ao

mundo, não para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por ele.[...] Aquele que crê no Filho tem a vida eterna. Aquele, porém, que se recusa a crer no Filho não verá a vida, mas a ira de Deus permanece sobre ele”.<sup>83</sup> Todo o Novo Testamento, São João e São Paulo, são repletos desta promessa: “Quem crê tem a vida eterna”.<sup>84</sup> “Todo aquele que crê em mim não permanece nas trevas, vive na luz”.<sup>85</sup> Quem me come é saciado na sua fome e sede de vida. “Quem beber da água que eu lhe darei, nunca mais terá sede”.<sup>86</sup> “Quem consome a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna”.<sup>87</sup> “Esta é vitória que vence o mundo: a nossa fé”.<sup>88</sup>

O que é a fé e qual a sua relação com a vida à qual o Batismo nos introduz? Ouçamos mais uma vez o Papa: “Da fé espero a ‘vida eterna’ – a vida verdadeira que, inteiramente e sem ameaças, em toda a sua plenitude é simplesmente vida. Jesus, que disse de Si mesmo ter vindo ao mundo para que tenhamos a vida e a tenhamos em plenitude, em abundância (cf. *Jo* 10,10), também nos explicou o que significa ‘vida’: ‘A vida eterna consiste nisto: Que Te conheçam a Ti, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a Quem enviaste’ (*Jo* 17,3). A vida, no verdadeiro sentido, não a possui cada um em si próprio sozinho, nem mesmo por si só: aquela é uma relação. E a vida na sua totalidade é relação com Aquele que é a fonte da vida. Se estivermos em relação com Aquele que não morre, que é a própria Vida e o próprio Amor, então estamos na vida.”<sup>89</sup> Cristo veio para dar-nos a vida, que coincide com introduzir-nos nessa relação com Aquele que é a fonte da vida. Por isso quem nEle crê tem a vida.

A fé é essa relação com Cristo que me introduz no mistério de Deus pela energia do Espírito. Por isso foi enviado, por isso entrou na história.

O que é esse relacionamento, essa relação? É um relacionamento com um Tu, com Ele, como alguém que se relaciona com o tu. Leio o que disse Dom Giussani em 1990: “Mês passado fui a Madri para ver pela primeira vez as novas casas do Grupo Adulto. Na casa das mulheres me fizeram entrar em todos os quartos. Em certo momento, abri uma outra porta e entrei num novo quarto; em cima da escrivaninha não havia qualquer foto, mas somente um pedaço de papel amarelado, como o papel de embrulho que utilizavam os nossos açougueiros, grande como um quadro; nele estava escrito ‘Tu’. Creio que esta seja uma das lembranças mais chocantes que carregarei [comigo] por toda a vida. Eu agora imagino entrar num quarto, numa das mais variadas condições em que o homem possa estar, e ver o quarto dominado por aquele pedaço de papel... não pelo pedaço de papel, mas por aquele ‘Tu’. Imagino a pessoa que entra todos os dias naquele quarto e tudo o que lhe remói o pensamento, toda a pressão dos estados de ânimo, todo o vazio do cansaço, toda a plenitude da inundação

dos desejos e dos pensamentos são dominados e desafiados por esse ‘Tu’”. Para muitos, infelizmente, esse ‘Tu’ seria abstrato. “Essa é justamente a síntese da nossa vida. Deveria ser a síntese da vida de todo ser racional, de todo ser consciente; mas é o resumo próprio da vida para quem é chamado à virgindade: ‘Tu’. Sim, Senhor, não há outra coisa a dizer; quer me acaricies ou me repreendas, quer me olhes como fixavas o teu interlocutor no quadro de Masaccio, quer me abrace como fizeste com São João na Última Ceia, quer chores sobre os meus erros, fragilidades, fraquezas e traições, quer me acompanhes no fervor e no frescor dos anos que passam rapidamente ou no passo pesado da maturidade e da velhice. Esse ‘Tu’ é como uma fonte inesgotável de água fresca”. Está aqui a origem daquela fonte, daquela fonte que jamais cessa. A fonte inesgotável de água fresca, “límpida, ou seja, de proposta de vida. É a proposta da vida plena [verdadeira] da sua origem, intensa da sua possibilidade e energia presente e dominada pelo oceano da grande última circunstância, a felicidade, o eterno. ‘Para isto eu vim: para que tenham a vida eterna; esta é a vida eterna: que conheçam a ti, o Deus único e verdadeiro, e a Jesus Cristo, aquele que enviaste’. Neste ‘Tu’ se acena ao Tu último de todas as coisas, também de Cristo, o Tu do Pai. Agradeço por essa ocasião excepcional que percorreu minha memória para sempre. Gostaria que a minha evocação se comunicasse também a vocês; comunica-se também a vocês na medida da abertura dos seus corações, da sua vigilância e do amor de vocês pelo destino, que é Cristo”.<sup>90</sup>

“A vida eterna é que conheçam a Ti”.<sup>91</sup> Sem chegar a esse Tu não há satisfação que se mantenha. Somente Ele corresponde. Não basta nada que seja menor do que Vós, dizia Santo Agostinho: sem Ele, o início cessa e tudo apodrece. E um eu que tem medo de se deixar definir pelo Tu, antes ou depois fica cético e precisa da companhia como refúgio e como apoio para a própria insegurança. Mas isso não é inevitável, pois, como dizia Santo Tomás: “a vida do homem consiste no afeto que principalmente o sustenta e no qual encontra a sua maior satisfação”.<sup>92</sup>

O teste da fé, do relacionamento verdadeiro, não virtual, não com algo abstrato, é a satisfação. Pois só fazendo a experiência da fé como satisfação, a maior satisfação que se possa imaginar, por causa da esperança que Ele suscitou em mim, é que fazemos uma experiência tão poderosa a ponto de apoiar aí toda a vida, pois a vida consiste no afeto que principalmente a sustenta, não fora da realidade, sustenta-a na satisfação, na correspondência única que Cristo é para a vida.

Portanto, quando falamos de satisfação todos podemos experimentar a prova última da vida: se a fé – como diz a Carta aos Hebreus comentada

pelo Papa —<sup>93</sup> nos dá a substância da vida, se a fé nos dá algo tão real que pode nos tornar partícipes de uma plenitude da vida. É isso que constitui a prova da realidade daquilo que não vemos, mas que existe. Nada de abstrato! Ninguém poderia sonhar dizer essas coisas se Ele não existisse!

## 2. Conhecimento e afeição nova

Segunda passagem: o conhecimento e a afeição nova. É dessa vida que nascem um conhecimento e uma afeição novos, uma experiência nova do viver; já é uma experiência nova do viver. “Se alguém está em Cristo, é criatura nova. O que era antigo passou, agora tudo é novo”.<sup>94</sup>

E o que quer dizer essa criatura nova? Onde está a novidade? Não é que se fale de Cristo em vão, que se repita um discurso aprendido: mas uma novidade que se experimenta na vida. Aqui se vê a novidade que a vida da fé introduz. Tornar-se uma criatura nova quer dizer ter uma consciência nova, uma capacidade de olhar e uma inteligência do real que os outros não conseguem ter — não podem nem sonhar — e uma afeição nova, uma capacidade de adesão e de dedicação real ao outro, inimaginável. A criatura nova identifica uma inteligência e um coração diferentes no comer e no beber, no vigiar e no dormir, no viver e no morrer. Não é necessário fazer coisas especialmente diferentes. “A fé é a modalidade subversiva e surpreendente de viver as coisas do cotidiano”,<sup>95</sup> de viver as coisas de sempre. Como dizia Pavese: “As coisas que tu dizes não possuem em si aquela chatice do que acontece todos os dias. [Tira aquela chatice!] Tu dás nomes às coisas que as tornam diferentes, inauditas, mas queridas e familiares como uma voz que há tempos estava calada”.<sup>96</sup>

E como se dá o nascimento desse conhecimento novo? Atenção, não em virtude de uma genialidade nossa. “O conhecimento novo nasce da adesão a um acontecimento, do *affectus* a um acontecimento ao qual se está apegado, ao qual se diz sim. [É preciso dizer sim. A fé é um gesto livre: é preciso dizer sim a esse acontecimento, para que possa começar a acontecer essa novidade]. Esse acontecimento é um particular na história: tem uma pretensão universal, mas é um ponto particular. Pensar partindo de um acontecimento significa, acima de tudo, aceitar que eu não defino aquele acontecimento, mas sou definido por ele. É nisso que aparece aquilo que realmente sou e a concepção do mundo que tenho”.<sup>97</sup>

Por isso é necessária uma comparação com tudo. “Isto desafia a mentalidade comum, que, para julgar, tende sempre a deduzir os detalhes de dentro de um universal abstrato. A mentalidade nova, ao invés, não nasce por um processo de dedução analítica a partir de certos princípios ou cri-

térios que depois se aplicam, mas a partir de um acontecimento, de algo que aconteceu e que acontece: não nasce de mim, mas daquilo que eu encontro, não é uma aplicação minha, mas é a obediência àquilo que encontrei”. Todos nós entendemos isso se pensamos, por exemplo, no fato de se apaixonar: é um fato que muda tudo. É um fato, não precisa ser muito inteligente, basta simplesmente que aconteça. A fonte dessa novidade está exatamente naquele acontecimento que faz surgir tudo novo. Não é uma aplicação, é quase uma surpresa: “O conhecimento novo implica estar em contemporaneidade com o acontecimento que o gera e continuamente o sustenta. Porque essa origem não é uma idéia”, que posso aprender e deixar de lado. Implica a contemporaneidade com o lugar, com a realidade viva; exatamente porque a “origem não é uma idéia, mas um lugar, uma realidade viva [como a pessoa amada], o juízo novo é possível apenas numa relação contínua com essa realidade, quer dizer, com a companhia humana que dá continuidade no tempo ao Acontecimento inicial: ela propõe o ponto de vista cristão autêntico. O acontecimento [cristão] permanece na história e, com ele, permanece a origem do juízo novo”. A tentação sempre à espreita é reduzir o conhecimento novo a discurso, ainda que correto, do qual eu me apodero, como se em certo ponto pudesse prescindir dessa contemporaneidade com o acontecimento; como se me bastasse uma bela teoria sobre o amor e eu pudesse fazer pouco caso da presença da pessoa amada. Olhem que a diferença é mortal, incomparável, até os cegos “vêm” isso! “Quem privilegia as suas análises ou as suas deduções adotará no final [mesmo com a inteligência que imagina possuir] os esquemas do mundo, que amanhã serão diferentes dos de hoje”. Portanto temos uma urgência, que é permanecer na posição da origem. “Permanecer na posição da origem na qual o Acontecimento faz surgir o conhecimento novo é a única possibilidade para se relacionar com a realidade sem preconceitos”.

Dom Giussani nos dá a razão profunda, que é como um golpe baixo na nossa presunção. Por que precisamos dessa contemporaneidade com o acontecimento que faz surgir esse modo novo de olhar tudo? Porque “um juízo permanentemente aberto e sem preconceitos é tão impossível só com as forças do homem, quanto é o único que respeita e exalta o dinamismo da razão”.<sup>98</sup>

É o mesmo que nos lembrou o Papa em seu discurso preparado para “La Sapienza”: “Mas, se a razão ciosa da sua presumida pureza se torna surda à grande mensagem que lhe chega da fé cristã e da sua sabedoria, seca como uma árvore cujas raízes já não chegam às águas que lhes dão vida. Perde a coragem pela verdade; e deste modo não fica maior, mas menor”.<sup>99</sup>

Mas para adquirir isto é necessário um trabalho. “Para que a mentalidade seja realmente nova, é necessário que partindo da consciência do seu ‘pertencer’ ela esteja continuamente empenhada na comparação com os acontecimentos presentes. Nascendo de um lugar presente, ela julga o presente, caso contrário não é: se não entra na experiência presente, o conhecimento novo não existe, é uma abstração. Neste sentido, não dar um juízo sobre os acontecimentos é mortificar a fé”,<sup>100</sup> pois é como não deixar entrar em todos os aspectos da realidade a novidade de vida, de experiência, de afeição que nos magnetizou.

É aí, ao enfrentar as circunstâncias, que nós vemos a verdade, a potência da fé. A fé cresce assim, sendo arriscada no real e desafiando tudo tendo Ele diante dos olhos. Por isso, mais do que aprender um discurso para depois repetir, trata-se de aprender um olhar, diz Dom Giussani. “A modalidade como nasce o critério para julgar pode ser sinteticamente indicada com a palavra *olhar*”. E como se aprende esse olhar? “Trata-se de ficar frente ao acontecimento encontrado”: é a precedência dada ao acontecimento, àquilo que acontece, àquilo que Ele faz. “Trata-se de ficar frente ao acontecimento encontrado sem mutilar, a um certo ponto, a lealdade do olhar com a preocupação de afirmar o que nos agrada [...]. É uma lealdade do olhar para com o acontecimento aquilo que permite fazer nascer em nós o critério novo de juízo, e não suportar os critérios do ‘mundo’”.<sup>101</sup>

Isto é possível, está ao alcance de nossas mãos: basta deixar a Sua presença entrar. Como diz este amigo: “Te escrevo para agradecer pela paternidade que tens para conosco, para comigo. Nunca me aconteceu viver com a letícia e a intensidade com que estou vivendo neste último ano, desde quando encontrei rostos precisos, um âmbito de homens, de testemunhas que fizeram com que cada coisa para mim se tornasse uma coisa nova. Talvez nem há vinte anos, quando encontrei o Movimento, tenha me sentido assim [sempre é possível renascer de novo, mesmo quando a pessoa está velha]. Cada coisa me parece nova e cada coisa se torna circunstância com a qual sempre mais inevitavelmente me comparo e peço para reconhecer a Sua presença. É impressionante como as coisas me acontecem: o trabalho, a esposa, os filhos, os amigos estão adquirindo cada dia que passa um gosto antes inimaginável [isto é o que a fé traz: interessa pra vocês?]. É impressionante como a sede dEle se torne sempre mais urgente cada dia que passa. Eu não sei descrever bem o que é tudo isso, mas de uma coisa tenho certeza: não é um autoconvencimento, não é uma bela emoção. E disso tenho certeza porque estou contente e as coisas têm uma espessura diferente, e mudam: é a experiência do cêntuplo. Nunca aconteceu na minha história de Movimento que eu me visse com vontade de

fazer Escola de Comunidade como tenho agora. Agora acontece com muito mais freqüência que eu tenha gravada na cabeça a provocação que você faz quando nos pergunta: que experiência vocês fazem disso? O que tem a ver a Escola de Comunidade com o seu dia? Que quer dizer essa outra coisa? É impressionante como as coisas que estamos lendo podem se tornar uma experiência concreta; e como é impressionante ver quando o nosso viver decai em propaganda, em instruções de uso. Por como sou, não entendo muitas coisas e às vezes elas me parecem distantes da minha estrutura, mas me impressiona que eu me reconheça mudado no cotidiano simplesmente porque descubro mais aquilo que já antes de verdade eu queria [a gente se surpreende, vivendo, com aquilo que já antes de verdade queria]. Parece-me ser como Pedro diante de Jesus, que teve de dar os passos, e mudou mesmo que o seu temperamento fosse sempre o mesmo. Eu tive de dar alguns passos, e os dei, e mudou. Fico pensando no título dos Exercícios do ano passado: “*Cristo atrai-me todo a si, tão belo é*”. Esta frase tornou-se para mim algo tão real que até o verão passado era inimaginável, era no máximo um autoconvencimento. Aconteceu um fato excepcional e agora comigo acontece o que te escrevi!”

Somente uma novidade assim é que pode vencer aquele dualismo que expulsa Cristo para fora da história, tornando vã – como nos dizia Dom Giussani no último encarte de *Passos* – “a espessura histórica do fato cristão”,<sup>102</sup> reduzindo-o a moralismo, algo incapaz de um rosto culturalmente significativo.

### 3. Testemunho, tarefa da vida

Duas palavras finais. Para nós, aos quais aconteceu assim, o testemunho é a tarefa da vida. Dom Giussani nos dizia na palestra sobre a fé: fomos escolhidos para crer.<sup>103</sup> A nós foi dada a graça de acreditar. A nossa tarefa é testemunhar o que nos foi dado, porque essa é a caridade maior que podemos ter para com todos os nossos amigos e para com aqueles que encontramos na estrada da vida.

Amanhã voltarei a este ponto, porque frente ao fato que vimos ontem, todos nós ficamos sacudidos como por uma provocação à missão. Mas a missão não é outra coisa senão uma mais aguçada consciência do que quer dizer Cristo para a vida, pois só na medida em que vivermos essa novidade é que sentiremos a urgência da missão. Caso contrário, como dizia Dom Giussani, “buscamos fugir da questão que é a nossa fé” pensando na missão. Mas “que adianta se o mundo inteiro se tornar de Comunhão e Libertação, e eu perder a mim mesmo!”<sup>104</sup>

# *Domingo, 27 de abril, manhã*

*Na entrada e na saída:*

*Ludwig van Beethoven: Concerto para violino e orquestra em Ré maior op. 61*

*David Oistrakh, violino*

*André Cluytens – Orchestre National de La Radiodiffusion Française*

*“Spirto Gentil” n. 6, EMI*

**Padre Pino.** “A vida do homem consiste no afeto que principalmente o sustenta e no qual encontra a sua maior satisfação”.

*Ângelus*

*Laudes*

## ■ ASSEMBLÉIA

**Giancarlo Cesana.** Fizemos a tradicional seleção das perguntas e escolhemos as mais representativas, aquelas que indicam as dificuldades maiores, mesmo prescindindo da avaliação lógica dessas dificuldades.

A primeira pergunta é esta: “Muitas vezes nós paramos no sinal. Isto ocorre porque o sinal é frágil, ou porque opomos resistência? Qual é o trabalho que nos cabe para sermos leais perante a realidade?”. E se completa com a pergunta seguinte, da comunidade de Bérghamo: “Todos desejamos sinceramente nos ligar a Jesus, amá-Lo, amar propriamente Ele, ao invés corremos o risco de parar no sinal, na sua beleza. Que quer dizer ir além?”. Todos recordamos que Dom Giussani dizia que sinal e Mistério coincidem. A pergunta se conclui assim: “Como chegar até o fundo do percurso do conhecimento?”.

**Julián Carrón.** Por que paramos no sinal? Porque o sinal é frágil? Não! O sinal é sinal e requer a nossa liberdade, tanto é verdade que Dom Giussani nos disse que a liberdade se joga na interpretação do sinal.<sup>105</sup> É a natureza do sinal que requer a nossa liberdade, exatamente porque o sinal remete a outra coisa, torna presente algo que eu naquele momento não toco, não vejo. Por isso eu sou chamado a decidir se quero reconhecer esse outro ou se paro antes. Mas não é por causa da fraqueza do sinal, e sim pela própria natureza do sinal. Voltemos ao exemplo das flores: qualquer um de vocês recebe um buquê de flores. O

que acontece? Tentem se identificar com aquilo que Dom Giussani chama a estrutura da reação de vocês, de maneira a descobrir o que lhes acontece, e logo vocês vão perceber que, por menor que seja o sinal, ele chama nossa atenção para outra coisa.

Há poucos anos, dando aula na Católica, certo dia uma aluna trouxe consigo uma amiga que vinha pela primeira vez assistir a uma aula, pois não era aluna normal do curso. Eu devia falar sobre o sinal e durante uma hora tentei explicar o capítulo do *Senso religioso* sobre o sinal, dando o exemplo das flores.<sup>106</sup> Durante a aula inteira aquela moça fez objeções. Houve um momento de pausa entre uma hora e outra e um dos alunos do curso pegou uma flor do jardim e colocou-a sobre a cadeira da jovem. Quando ela voltou, encontrou a flor. No início não fez caso porque pensava: “Foi a minha amiga que pôs aqui a flor”, e assim ficou tranqüila. Mas quando acabou a aula, ela perguntou à amiga: “Foi você que trouxe a flor, não foi?”. Ela respondeu: “Não.” “Como não? Então, quem foi?”, e ficou a tarde inteira com a amiga perguntando sempre: “Quem me deu a flor?”. Por uma hora inteira ela tinha feito objeções. E a pessoa pode resistir frente a uma lógica, a uma explicação, mas frente ao real, frente ao sinal o eu aparece. E por que ela ficou a tarde inteira se perguntando “Quem me trouxe a flor?”. Porque a flor chamava sua atenção, queimava-lhe por dentro. Em que sentido podemos dizer que sinal e Mistério coincidem nesse caso? Porque eu não preciso jogar fora a flor: quanto mais penso na flor, tanto mais me vem à mente outra coisa.

Quando pela primeira vez o seu namorado lhe mandou um buquê de flores, cada vez que você se deparava com o buquê sentia o seu impacto. Isto não era ocasião de memória? Você não o jogava fora; a flor o tornava presente, mas ninguém de vocês parava só nas flores: quanto mais olhava para as flores, tanto mais se mostrava urgente dentro de vocês o rosto da pessoa amada: está aí, na flor. Mas por que você pensa no outro? Porque está aí!

Como diz Dom Giussani, o real é o primeiro mostrar-se do Ser. Neste sentido, Mistério e sinal coincidem. Mas se formos além, ainda mais, quando digo: “Eu”, posso dizer isso todo distraído, assim como posso olhar para as flores distraído. Por isso não é banal que Dom Giussani, quando explicava isso, insistisse num detalhe decisivo para não reduzir o uso da razão (pois a nossa tentativa é reduzir). Enquanto nós dizemos: “Eu sou”, Dom Giussani afirma que eu não digo de verdade: “Eu sou” enquanto não disser com a consciência: “Eu sou feito”.<sup>107</sup> E a diferença é abissal. Se eu digo isso, e me acostumo a dizer sempre mais com essa

consciência, posso entrar em qualquer circunstância com uma certeza e uma possibilidade de letícia. É como a criança: se ela toma consciência de pertencer aos pais, pode entrar com a mãe num quarto escuro, em qualquer circunstância, sem medo. Nessa consciência está a consistência da pessoa. Não porque devo prescindir de mim mesmo, porque deva jogar fora o sinal que eu sou, porque deva jogar fora as flores, mas porque digo: “Flores”, porque digo: “Eu”, com toda a consciência daquilo que existe, pois do contrário eu uso a razão como medida, não como abertura a tudo o que existe.

Dom Giussani procura explicar isso com vários exemplos no capítulo X de *O senso religioso* – mas vocês não me dão ouvidos quando lhes digo para lê-lo –: como o jorro da fonte, se ele se desse conta, deveria reconhecer que naquele instante está surgindo da fonte; como a voz que, assim que as cordas vocais param de vibrar, cessa. Eu neste instante existo porque um Outro me faz agora. E quanto mais tomo consciência disso, tanto mais percebo esse Tu que está me fazendo agora. É uma coisa mortal essa redução com a qual nós olhamos para a realidade ou olhamos para o nosso eu, uma redução que nos impede de captar a vibração última do Ser em cada coisa.

Precisamos nos ajudar nesse trabalho, caríssimos. Por que é um trabalho? Porque vivemos numa cultura que nos ensina a usar a razão de um certo modo, e nós a usamos sempre assim, tanto é que na maneira como dizemos: “Eu”, na maneira como descrevemos a realidade, na maneira como falamos das coisas, normalmente não existe o Mistério, é tudo reduzido, sem fôlego, sem ponto de fuga, dizia Dom Giussani, e por isso sentimos tudo, todas as circunstâncias como sufocantes. Mas querem saber de uma coisa? Não é verdade que a realidade seja isto. A realidade tem sempre dentro esse ponto de fuga que nos faz respirar. E o que é realmente triste é que nós vivemos o real como sufocante quando, de fato, o real assim reduzido é uma mentira, é a mentira da nossa cultura, é a mentira da nossa sociedade, é a mentira que invade até nós. Isto não me interessa pelo aspecto moral, moralista, mas pela falta de respiro que tantas vezes experimentamos. E, antes que ser um erro na maneira de viver o real, isso é falso. É como uma pessoa que pensa que tem câncer e não tem, como quem vive com a consciência de ter câncer e não tem: é falso. Ou como quando vive consciente de ser órfão e tem um pai. Entendem? É falso! Depois, a pessoa pode viver melhor ou pior com o pai, mas é falso, acima de tudo, é falso negar que tem. Por isso a fé é um conhecimento; não é uma opinião minha, mas é um conhecimento: não existe realidade sem esse Tu. E eu vejo se a fé é um conhe-

cimento pela maneira como olho as coisas, como vivo a realidade, como vivo a circunstância: nisto se vê se para nós a fé é um conhecimento e não um a priori. É um real mais real do que eu, pois sem Ele eu não existiria agora.

**Cesana.** Portanto, que nove dos dez leprosos não tenham voltado não é só um problema de má educação.

**Carrón.** Exato.

**Cesana.** A questão não é que não tenham agradecido a Quem os curou.

**Carrón.** Exato. É um problema de conhecimento, de novo: não entenderam o alcance daquilo que havia dentro. Uma pessoa pode decidir o que quiser livremente, pelo amor de Deus, faltava só isso, mas ao menos nos ajudemos a esclarecer os termos da questão. Se a pessoa não tem câncer, não tem câncer; se a pessoa não é órfã e tem um pai, tem um pai. Depois decidam como querem se relacionar com o pai de vocês, se querem viver como órfãos ou como filhos. Isto vocês é quem têm de decidir, e eu, como sabem, não estou aqui para poupá-los. Mas a coisa que quero combater com todos vocês é a mentira: que somos órfãos quando temos um pai. Nisto eu nunca estarei do lado de vocês. Existe! E não porque sou eu que digo, eu que sou o chefe – não me interessa nada o papel. Existe porque existe, e nem mesmo eu, se dissesse o contrário, poderia tirar isso da realidade.

**Cesana.** “Dom Giussani dizia que a realidade nunca o traiu”. Pergunta: por que confiar se ela é contraditória?

**Carrón.** Dom Giussani dizia essas coisas não quando ia dar um passeio fumando um charuto, mas quando estava doente em más condições. Por que ele podia falar assim? Porque também naquele momento, o que a realidade testemunhava? O mesmo que dizia padre Camillo a Peppone. O que a realidade testemunhava? Que Ele existia, que o Mistério existia, e portanto, mesmo contraditória, a realidade existe. Eu posso estar doente, deprimido (acrescentem tudo o que quiserem), mas existo, tanto é verdade que doente ou deprimido, eu percebo igualmente que existo. Imaginem se percebo: tenho de suportar! Mas ninguém pode me impedir de dizer: “Existo”, e se existo, um Outro me faz

agora, e nenhuma condição contraditória pode impedir isso. Por isso a realidade não trai nunca, não me impede jamais de reconhecer Ele.

Mas quando nós paramos na contradição quer dizer que nós, como sempre, pensamos na realidade, de um lado, e em Cristo, de outro. São Paulo – nos recordou sempre Dom Giussani – diz uma coisa que supera tudo: “A realidade é Cristo”.<sup>108</sup> Porque se eu olho para a realidade – qualquer realidade – sem ter Cristo diante dos olhos, eu não olho bem a realidade, eu estou reduzindo a realidade pois desse modo ela não existe, não existe história, é como olhar a realidade apagando a ressurreição de Cristo. Precisamos atualizar o mapa geográfico, como fizeram depois da descoberta da América.

**Cesana.** Portanto, a realidade trai quando não é olhada como sinal?

**Carrón.** Isso mesmo, quando não é olhada segundo a sua verdade, segundo a totalidade de todos os fatores da realidade. E quem age assim? Quem não usa a razão segundo a sua verdadeira natureza de razão. Não é necessária uma genialidade particular, mas uma educação para usar a razão segundo a sua natureza: consciência do real segundo todos os fatores. Se alguma vez a gente decidisse se educar nisso, talvez começaríamos a respirar.

**Cesana.** “Como se faz para dizer Tu a Cristo através da companhia quando a própria companhia é abstrata e nos escandaliza?”. “Que quer dizer que coração e testemunha andam juntos quando a testemunha diz alguma coisa que é contra o que diz o coração?”.

**Carrón.** Como se faz para dizer Tu a Cristo através da companhia quando a própria companhia é abstrata e escandaliza você? E você, como consegue dizer: “Eu-sou-Tu-que-me-fazes” sendo um pecador? Pois você pode ser um pecador ferrenho, mas não pode negar que um Outro o faz agora. E frente à pergunta: “Tu me amas?”, consegue responder, como Pedro, cheio de pecados: “Não sei como, não sei como, realmente não sei como, porque me vem todo o remorso de toda a minha vida passada, mas não posso deixar de dizer que toda a minha simpatia humana é por Ti, Cristo”.<sup>109</sup>

Se começássemos a olhar para nós mesmos dessa forma, talvez não tivéssemos tanto o problema da dificuldade com a companhia; e ainda bem que existe uma companhia assim, caso contrário não haveria lugar para mim que sou um pecador, entendem? Eu me sinto contentíssimo...

**Cesana.** ... Que haja uma companhia de pecadores...

**Carrón.** ... Que haja uma companhia de pecadores! Do contrário, procurem outro lugar pra vocês, se os deixarem entrar, se vocês tiverem o “nível” para entrar. Eu me sinto contente por pertencer a essa Igreja que é cheia de maltrapilhos, porque Jesus veio não para os justos, mas para os pecadores e eu agradeço por ter constantemente necessidade do Seu perdão, da Sua misericórdia, da Sua ternura.

Todas essas coisas são, de novo, uma redução. Por que posso me olhar até o fundo sem esconder o meu mal? Eu não sou definido pelo meu mal, pois Ele continua a me dar a vida depois que eu errei, e continua a me dizer: “Tu és Meu porque aquilo que te define não é o que consegues fazer, mas o que eu fiz contigo no batismo, te agarrei e todo o teu mal não é mais poderoso do que aquela energia com a qual Eu te agarro!”. E isso vale igualmente para a nossa companhia. Não quero censurar nada de todo o mal que existe entre nós, mas também quando existe, não posso deixar de dizer que, qualquer que seja a pessoa que está aqui, a última que chegou ou o mais obstinado de todos os pecadores, é chamado como eu, é agarrado como eu; e se está aqui com toda a dor do seu mal, é agarrado como eu e me dá o seu testemunho de responder sim mesmo no meio do seu próprio mal.

É necessário que de vez em quando tenhamos a coragem de olhar o nosso mal, e o dos outros, do contrário ficamos sempre na soleira como se tivéssemos de virar a cabeça para não vê-lo. Não quer dizer que possamos usar isso como alibi pra dizer: “Não muda nada”. Não, a pessoa que sente o próprio mal não diz: “Então posso fazer o que me dá na telha”. A pessoa que percebe o próprio mal não pode sentir isso sem dor. Sentir-se pecadores não é igual a ser cínicos, não confundamos as coisas. Eu posso experimentar toda a dor do meu mal e ter toda a tensão por Cristo, mas não justifico o meu mal, não digo a mim mesmo: “Virem-se, pois já que sou assim...”, como ouço vocês dizerem tantas vezes. Você não é obrigado a ser “assim”, porque existe a tensão à mudança, é a humildade do pedido. São duas coisas diferentes – todos nós entendemos isso muitíssimo bem –, pois a pessoa que constantemente se dá conta do próprio mal e recomeça, quem de nós não a abraçaria continuamente? Como vocês fazem com seus filhos. Mas é outra coisa quando a criança teima, também depois de grande, e por aí vocês não conseguem fazer passar nada. São coisas diferentes. Portanto, não existe problema se há em nós essa tensão, que não é uma justificativa de tudo ou uma conivência com o próprio mal.

Sobre a segunda pergunta, não pode haver contradição entre a testemunha e o coração; se o coração nos é dado para reconhecer a verdade, não pode haver contradição: posso usar mal o coração como critério de juízo, como fazemos tantas vezes, ou a testemunha pode não ser testemunha, mas nós sabemos que quando há essa correspondência, coração e testemunha coincidem.

Quero gastar uma palavra a mais: cuidado para não reduzir a testemunha à coerência, pois todos nós encontramos o Movimento por meio de pessoas com limites e isto não impediu que elas nos testemunhassem outra coisa. A testemunha não é o coerente, é aquele que foi agarrado, magnetizado por Outro, porque me testemunha que pertence a um Outro, que é todo determinado por um Outro, que é todo tomado por um Outro, e por isso eu não posso olhá-lo sem que me remeta a esse Outro, mesmo em meio ao mal que pode ter. A única questão é que nós não podemos trapacear nisso, mas não pode ser contradição porque a verdade é única: não pode haver contradição entre a medida do meu pé e o sapato.

**Cesana.** Muitos perguntam a você: “Que quer dizer, para mim, dizer ‘Tu’?”.

**Carrón.** Vamos reler juntos a resposta que Dom Giussani dava, porque na minha opinião ele descreve isso com perspicácia e dramaticidade. “Imagino a pessoa que entra todos os dias naquele quarto [como entra? Como nós entraríamos] e tudo o que lhe remói o pensamento, toda a pressão dos estados de ânimo, todo o vazio do cansaço [com o qual volta para casa; não há nada de sentimental: há todo o drama do cotidiano], toda a plenitude da inundação dos desejos e dos pensamentos são dominados e desafiados por esse ‘Tu’ [dominados e desafiados. Não posso reduzir o meu eu aos meus pensamentos, ao meu vazio, ao meu cansaço, porque me encontro diante desse Tu]. [...] Sim, Senhor, não há outra coisa a dizer; quer me acaricies ou me repreendas, quer me olhes como fixavas o teu interlocutor no quadro de Massaccio, quer me abrases como fizeste com São João na Última Ceia, quer chores sobre os meus erros, fragilidades, fraquezas e traições, quer me acompanhes no fervor e no frescor dos anos que passam rapidamente ou no passo pesado da maturidade e da velhice” e que tudo seja dominado por esse Tu. “Esse ‘Tu’ é como uma fonte inesgotável de água fresca, límpida, ou seja, de proposta de vida”,<sup>10</sup> de uma Presença que domina a vida. Esse Tu é um Tu real, Cristo vivo, ressuscitado, presen-

te no meio de nós, aquele Cristo de quem São Paulo encheu todo o império romano, que levou a toda parte, que anunciou a todos, que chegou até nós: esse Tu que, se eu não O ouvisse mais falar não poderia mais viver.

Isso é dizer Tu, não no momento poético do pensamento, mas no meio de todo o drama do viver; cada um de vocês pode pensar no que quis dizer esse Tu quando entrou na vida de vocês uma presença humana. Por isso não se pode falar disso sem voltar de novo àquela experiência na qual a pessoa pode reencontrar uma presença real de um Tu que, mesmo quando estou cansado ou quando estou triste ou quando me acontece uma coisa bonita ou quando vejo um espetáculo, não posso deixar de pensar nesse Tu. Acontece com vocês alguma vez na vida? Já aconteceu? Um Tu que é diferente do eu de vocês, um Tu, um Tu sem o qual a vida seria chata e até as coisas mais bonitas seriam chatas sem poder partilhá-las com esse Tu, por isso a primeira coisa que lhes vem à cabeça, não como meditação “espiritual”, quando lhes acontece alguma coisa, é pensar nesse Tu, é partilhar essa coisa com esse Tu: é esse Tu que domina. Mas Cristo, para nós, é esse Tu, ou é o quê? A imagem do sepulcro? Esse Tu é aquilo que domina a vida. E é justamente esta a síntese da nossa vida: que Cristo é esse Tu e que se torne familiar é o que torna a vida diferente. A vida é diferente não por causa de uma circunstância ou outra, mas porque é dominada por esse Tu. Muitas pessoas podem ter de tudo e não se suportarem mais, porque não é um problema de circunstância: a circunstância pode até ser boa e não me faltar nada e eu não me suportar, porque o eu é feito para o Infinito, para o relacionamento único com esse Tu.

**Cesana.** Dizer: “Tu” é também fazer memória do que aconteceu e nos constitui?

**Carrón.** Correto. Se a pessoa se apaixonou, na manhã seguinte não consegue não estar repleta da memória do que aconteceu. O presente é todo cheio de tudo o que aconteceu. Por isso, uma coisa é o dia antes de se apaixonar; e outra coisa é o dia depois de ter-se apaixonado: os dois dias podem ser iguais na aparência, na sua rotina, mas o que faz a diferença? Que um é repleto de uma memória que no outro não havia, porque ainda não tinha acontecido.

Por isso Dom Giussani diz: memória, porque é como se o meu eu fosse todo invadido por essa memória, que não é uma lembrança, pois o meu eu é todo invadido, tomado, dominado.

**Cesana.** Isto é um exemplo de silogismo negativo: “Na assembléia de hoje você disse: o teste da fé é a satisfação. Então, toda vez que não estamos satisfeitos a fé vacila?”.

**Carrón.** Sobre essa questão da satisfação há sempre uma dificuldade porque...

**Cesana.** ...Troca-se sempre a consequência com a causa.

**Carrón.** Sim. Um amigo me dizia, hoje, falando a respeito disso, que um outro lhe tinha dito: “Eu faço tudo o que nos dizemos, mas não estou satisfeito”.

Recentemente eu fiz este exemplo num retiro dos noviços dos *Memores Domini*. Imaginem que vocês estão com fome. Se a pessoa sente fome, ela se preocupa com isso? Começa a dizer: “Então, estou com fome porque não gostei do almoço de ontem? porque não comi? ou talvez porque a comida não estava boa? Mas era um almoço dos deuses!”? Então, por quê? Quem se preocupa por estar com fome? Ninguém. A pessoa começa a se preocupar quando não tem fome, sim ou não? E por quê? Porque decidiu se preocupar? Não, pois a fome faz parte do nosso eu, e então ter fome é uma coisa boa, não é uma coisa negativa. O negativo seria exatamente não sentir fome. Vocês concordam?

**Cesana.** Sim, a pessoa está doente quando não sente fome.

**Carrón.** Exato; está doente quando não sente fome, mas a nossa tentativa, o nosso sonho é não sentir fome, ou seja, é estar doente, porque no dia em que você não sente fome não consegue comer, não gosta de comer. Então, nós achamos que estar satisfeito é não ter fome quando, ao contrário, estar satisfeito significa – como dizia Dom Giussani com relação à sede – “satisfazer continuamente uma sede contínua”.<sup>111</sup>

Eu fico satisfeito pelo encontro com uma pessoa e me sinto tão satisfeito que quero revê-la; e quando eu como uma determinada coisa e gosto, fico tão contente por ter comido aquilo que gostaria de comer de novo. Vocês gostariam, depois de comer uma coisa boa, de não comê-la nunca mais?

Estamos falando de uma satisfação que desperta sempre mais em você a vontade justamente porque satisfaz, pois as outras coisas que não satisfazem não lhe interessam mais. Você come dois pratos, um satisfaz e o outro não; os dois tiram a fome no momento, mas o que você dese-

ja? voltar a comer o prato que satisfaz ou o prato que não satisfaz? Você deseja sentir fome para voltar a comer aquilo que o satisfaz ou não? Ora, se eu, cada vez que faço a experiência, no relacionamento com Cristo, de uma satisfação – e este é o teste: Cristo é tão real a ponto de me satisfazer –, eu desejo sempre mais que isso se torne familiar, e quanto mais sinto a fome, tanto mais desejo. Por quê? Porque talvez não acredite na positividade da Sua presença? Não, porque tenho certeza da positividade da Sua presença e por isso desejo sempre mais esse relacionamento que me constitui, que torna a minha vida diferente.

**Cesana.** “Como o olhar para a realidade se torna juízo? E quais são as características desse olhar?”.

**Carrón.** Todos nós nos relacionamos com a realidade e olhamos para nós mesmos e para os outros com um juízo. No fundo, no fundo, o modo como vivemos é um juízo. Pensem em como cada um de vocês vive consigo mesmo: no fundo é um juízo.

O que a fé introduz? Um juízo novo: o juízo sobre você não é o que você consegue dar, mas é um relacionamento, é o relacionamento com um Outro, que eu deixo entrar continuamente. Olhem quando vocês se levantam de manhã, quando estão cansados à noite, quando fazem algo errado, no fundo há sempre um juízo, uma reprovação. Como acontece com Pedro, até que Jesus o desafia e lhe diz: “Mas tu me amas?”, e aí muda o juízo; e sendo que muda o juízo, muda o sentimento de si, o modo como ele vive ele mesmo e como vive o relacionamento com tudo. Isso desperta um olhar sobre a realidade que é totalmente diferente.

Como eu aprendo esse juízo? Nesse relacionamento. Não quer dizer que eu não tenha necessidade desse olhar constantemente. Eu me admiro com isto: como vocês conseguem viver sem voltar a ler Giussani para encontrar esse olhar, que eu não encontrava em parte alguma quando estava sozinho em Madri? Era aquele olhar que me permitia ter um relacionamento comigo mesmo e com a realidade que eu não encontrava em parte alguma. E sendo que eu continuava a errar, sendo que continuava a estar triste, necessitava continuamente daquela contemporaneidade que introduzia esse olhar sobre mim, e por isso eu voltava, voltava a esse relacionamento. E como voltava a ele? O que vocês podem fazer, que era o que eu fazia? Onde o encontrava? Eu não podia chamá-lo pelo telefone, não podia vir almoçar com ele, portanto, encontrava onde o encontrava: nos livros que chegavam até mim, nas

poucas coisas que eram publicadas em espanhol. Vocês têm muito mais do que eu e não utilizam: virem-se! Mas vocês têm essa urgência de reencontrar constantemente esse olhar? Digam-me se existe um outro lugar, se vocês conseguem ler algo que os introduza nessa novidade de olhar como duas linhas que leram de Giussani. Se vocês não precisam disso, não sei o que mais podemos nos dizer. Amanhã de manhã quando ficarmos enredados numa circunstância, com o marido de cara feia ou o filho com não sei o quê, necessitamos deixar entrar de novo esse olhar. Onde o encontramos? Sem isso, o que fazemos? Fazemos o que nos passa pela cabeça, ou seja, reduzimos a realidade à mentalidade de todos, aos esquemas de todos, sufocante, insuportável. Mas vocês não são obrigados a isso, pois tiveram a mesma graça que eu tive. Qual é a única diferença? Que eu a uso, coloco-a em jogo continuamente, pois não me interessa outra coisa; e isso vocês também podem fazer, ou precisa de uma genialidade especial? Era isto que irritava Dom Giussani: “Mas o que é que eu tenho que vocês não têm? Eu tenho esse ‘sim’ e basta”.

**Cesana.** “O conhecimento novo deriva de ficar apegado a um lugar onde o carisma é vivo? Que quer dizer viver uma contemporaneidade com o acontecimento?”.

**Carrón.** A contemporaneidade com o acontecimento pode-se dar em todas as modalidades por meio das quais o carisma me alcança, que podem ser variadas, como bem sabemos: uma carta publicada em *Pas-sos*, um livro, um testemunho, uma notícia, isto é, toda a ampla modalidade mediante a qual Cristo me alcança com a Sua novidade. Sem isso, eu vivo de quê? Da televisão: olho para a realidade como todos. Se isso basta para vocês depois de ter encontrado Cristo, o que Ele pode fazer? Continuar, como a mãe, a sorrir, tomar de novo iniciativa buscando resgatar cada um de vocês e cada um de nós. É isto que tentamos fazer: uma companhia como a nossa quer ser essa luta feroz para tornar Cristo presente, para tornar viva a memória de Cristo no nosso meio, de tal modo que possamos experimentar essa contemporaneidade, esse olhar novo que entrou na história com Ele. É esse é o objetivo.

## SANTA MISSA

HOMILIA DE DOM MASSIMO CAMISASCA

Queridos amigos, estes foram para mim os Exercícios mais importantes e espero que tenha sido assim também para cada um de vocês, e tenho realmente o desejo de voltar logo a essas palavras, assim que tenhamos em mãos as páginas, para aprofundá-las, para descobrir aquilo que nestes dias não me foi dado ainda descobrir. E a grandeza desses Exercícios está no fato, ao menos foi assim que eu os vivi, de que o seu protagonista é tudo de menos espiritualista que possa haver: o Espírito Santo. Ele é inteligência e afeição, é a inteligência e a afeição de Jesus, e é o protagonista também dessa liturgia, como escutamos nas Leituras. Eu quero, neste ano, retornando a essas palavras, a essas páginas, a essas pegadas de Dom Giussani mostradas por Carrón, descobrir sempre mais esse método de Deus que é o Espírito Santo, entrar na Sua vida.

“Não vos deixarei órfãos” (Jo 14,18). De todas as expressões de Jesus e dos apóstolos que a Liturgia da Igreja colocou à nossa frente e nos fez escutar nesta manhã, “Não vos deixarei órfãos”, esta é a que mais me marcou e que percebi de forma mais direta referir-se a estes dias e quase conter toda a minha experiência e toda a aventura e o sentido da minha vida.

O órfão não é simplesmente quem perdeu o pai ou a mãe, mas quem os perdeu muito cedo, quando ainda tinha absoluta necessidade deles para vir a ser si mesmo, para amadurecer, para se realizar na sua personalidade, para aprender a viver, para aprender a saborear as coisas, os acontecimentos, para aprender a julgar e a amar. Jesus diz: “Não vos deixarei órfãos. Sei que vocês precisam de mim”. Os discípulos ficam desorientados, como às vezes nós, por aquilo que pressentiam de maneira confusa, e Jesus diz: “Não vos deixarei sozinhos. Aquilo que começou entre Mim e vocês não acabará. Não só, mas com o passar do tempo crescerá, se aprofundará, se tornará uma luz que iluminará toda a vida de vocês, uma força que os sustentará em cada provação, um amor que tornará possível, aliás fácil, todo sacrifício”.

Essas mesmas palavras Jesus diz também a nós, a cada um de nós, como diz a cada um dos Seus em cada época da história, em cada instante da vida. Aquilo que começou não acaba. Não por uma ilusão nossa, por um esforço da nossa vontade, por uma utopia, pelo fato que fechamos os olhos frente às dificuldades da história e da existência. Não, não por isso, mas porque Ele está vivo, porque Ele continuamente toma iniciativa de mil maneiras para abrir os meus olhos, para abrir o

meu coração para que o início se renove numa profundidade maior e mais verdadeira.

Como fazemos para ser contemporâneos a Cristo? Mas é Ele que é contemporâneo a você, em cada instante da sua existência! Basta você se abrir à Sua iniciativa, ao que Ele faz, e a Sua contemporaneidade entra na sua vida como um fato que se renova. “Vós me vereis, porque eu vivo, e vós vivereis” (Jo 14,19). Isto é real e, permitam-me dar-lhes esse testemunho porque muitos de vocês me dão esse testemunho. Basta ler as cartas em *Passos*, basta ler com coração aberto centenas e centenas de e-mails e relatos. Realmente a nossa vida está repleta de estrelas. O tempo não rema contra nós se buscamos, se pedimos ao Espírito esse rosto singular, como nos lembrava ontem Carrón ecoando as palavras de Dom Gius, se pedimos ao Espírito que Ele se torne sempre mais objeto pensado e dito.

“O Pai vos dará um outro Consolador, que ficará convosco para sempre” (Jo 14,16). É Ele que permanece em nós, que vem morar conosco. Pois, vejam, Jesus não se limita a prometer, não se limita a iniciar (o início é a promessa), mas realiza continuamente aquilo que promete. Nestes dias eu percebi isso, entendi isso, vivi isso, não só nas palavras que escutei, mas também em vocês que vi. E Jesus disse: “Vós vereis”.

O que é o Batismo senão a realização dessa promessa? O que é a Eucaristia, o Batismo quotidiano do cristão adulto, senão a expressão dessa contínua iniciativa do afeto ilimitado de Jesus para com cada um de nós e, através de nós, para com todos os homens? E o que é o Movimento senão o espaço novo criado continuamente por Cristo para nós, para dar a Sua vida, a vida que não acaba? Quantos sinais disso nestes dias: as pessoas, os acontecimentos que nos remetem a Ele, os milagres da santidade, que nos obrigam a pensar em Deus, que nos impedem de reduzir Cristo a nossa medida. E, por fim, quem é Dom Giussani? Quem é Dom Giussani senão a pessoa na qual a iniciativa de Deus se manifestou poderosamente para nos tornar Seus? Jesus não nos deixou órfãos, fez-nos encontrar Dom Giussani.

Mas gostaria de concluir esta homilia nesta manhã de forma real e não de forma romântica ou fabulosa, dizer-lhes que não só Jesus diz: “Não vos deixarei órfãos”, mas que sinto também Dom Giussani dizer: “Não vos deixei órfãos”, exatamente porque não nos ligou a si: chamando-nos para Cristo, ligou-nos a um lugar, a um espaço humano, um espaço de liberdade e de graça que continua no tempo, que dá sempre novos frutos, que estabelece sempre novas relações, que faz crescer a nossa familiaridade com Deus. Amém.

## AVISOS

**Julián Carrón.** A primeira questão que quero sublinhar é um chamado de atenção sobre a missão.

No ano passado eu me detive um instante sobre a questão da caritativa; desta vez, pelo chamado potentíssimo do Brasil e pelo tema desenvolvido nestes Exercícios sobre a fé, sobre a testemunha, quero dizer que a nossa tarefa é viver e testemunhar Cristo, isto é a missão. A graça que nos foi dada é para todos, segundo o método – ouvimos sempre Dom Giussani dizer – usado pelo Mistério. Deus escolhe alguns para poder chegar a todos. Nós somos escolhidos por Deus para poder torná-Lo presente a todos os que encontrarmos.

Por isso Dom Giussani dizia que a força missionária é interna, nasce de dentro da própria fé; o ímpeto para testemunhar até os confins do mundo – dizia em *O caminho para a verdade é uma experiência*, que reúne os primeiros livros do Movimento – vem muito mais de dentro, daquilo que vivemos, do que de uma necessidade ou de um apelo externo: é o desejo de partilhar com os outros aquilo que nos aconteceu.<sup>112</sup> Por isso, a missão, a vibração missionária em nós é o teste último da fé, pois quanto mais a pessoa se dá conta da graça que lhe aconteceu, tanto mais sente a necessidade, a urgência de comunicá-la aos outros. “O amor de Cristo me impele” dizia São Paulo e encheu tudo, de Jerusalém ao Ilírico, da Sua presença.<sup>113</sup> Em São Paulo vemos essa vibração, essa urgência que nasce de dentro do que aconteceu.

Por isso, se não se vive nessa dimensão missionária, o problema não é tanto o que os outros perdem, mas o que nós perdemos. Dizia Dom Giussani: se não se vive nessa dimensão missionária, quem arrisca perder-se, antes de mais nada, são os cristãos, ou seja, nós. Fiquei marcado como tantos universitários, fazendo a panfletagem para as eleições, perceberam isto: queriam repetir o gesto por aquilo que lhes servia, pois os deixava realmente conscientes da graça recebida. Quanto mais a pessoa se dá conta disso, tanto mais descobre que é o gesto de caridade maior que pode fazer com qualquer um, que a coisa de que toda pessoa precisa mais que tudo é encontrar aquilo que em qualquer circunstância a faça respirar, como faz respirar a nós.

Não podemos deixar de nos repetir essas coisas justamente porque a missão é a possibilidade de que se realize a nossa personalidade. E a primeira realização desse ímpeto missionário é viver a missão onde se está, no lugar onde o Senhor nos colocou: é o teste da vitalidade das nossas comunidades, e eu não sei a que ponto estamos. Lendo esses textos do início do Movimento, vendo que logo que nasceu o Movimento os primeiros de GS foram ao Brasil, pare-

ce-me que precisamos pedir que o Senhor nos dê essa paixão, pois não a vejo tão potente nem em mim, nem em vocês, como vejo que vibrava nos primeiros passos do Movimento. Talvez por isso o Senhor tenha colocado ante os nossos olhos o Brasil, para chamar nossa atenção, não com um discurso, mas com um fato. Queria dizer isso a vocês e a mim mesmo.

Quando Dom Giussani, desde o início, falava dessas coisas impregnava assim tudo, invadia assim tudo o que dizia, que precisava educar a não sentir nada de si como próprio, mas tudo como destinado ao mundo inteiro; e por isso convidada os jovens a não receber dinheiro sem que uma parte, pequena ou grande, conforme as circunstâncias e a generosidade de cada um, não fosse dada como testemunho concreto de uma preocupação com o mundo inteiro e com a sua felicidade, que se reduz a difundir nele o Reino de Deus. Que paixão até chegar ao concreto!

Por isso dizia: “O vértice da iniciativa é constituído de alguns que decidem dedicar-se sem cálculo de tempo ao serviço da Igreja no mundo missionário. Essas pessoas são percebidas em GS como a ponta mais avançada de toda a comunidade, que nelas se expressa. A sua função educativa para GS é insubstituível”.<sup>114</sup>

Acho que não precisa dizer mais nada.

Isso permite ligar-me à questão da pobreza.

A pobreza – lembrou-nos sempre Dom Giussani – é uma dimensão substancial da nossa experiência humana e cristã, do modo com o qual nos relacionamos com a realidade. Aqui, tem a ver tudo o que vivemos nestes dias, portanto tem a ver a fé. Se a fé é realmente uma satisfação, podemos ser livres de tantas coisas inúteis.

A pobreza nasce da superabundância dEle, da plenitude que Ele dá, que nos deixa livres no uso das coisas para podermos destiná-las todas, como quando uma pessoa fica tão contente que diz: “O que você quer de mim?”. Quem faz uma pergunta como essa? Quem sabe que Cristo é tão capaz de preencher tudo que está disponível para qualquer coisa que Ele escolha como modo de usar a vida. Se isso acontece com a vida na expressão máxima da vocação, imaginem com os bens, com o dinheiro.

O Fundo comum que depositamos (e em geral como gastamos o dinheiro) é um exemplo do nosso modo de nos relacionarmos com a realidade que nasce desse juízo, dessa experiência. Não precisamos de esmola, mas precisamos verificar se Cristo nos preenche assim tanto, se Cristo se torna tão decisivo para a vida a ponto de nos tornar livres. É a verificação da fé até o bolso, e assim se demonstra que Cristo é real. Nada de virtual. Por isso Cristo nos impele para a missão, nos impele a usar tudo para dilatar o Seu Reino.

É impressionante ver como o Fundo comum que recolhemos nasce só do empenho, às vezes pequeníssimo mas fiel, de milhares de pessoas. Mas isso implica uma educação, implica um trabalho sobre si, como vocês mesmos contam nas cartas que enviam a respeito de como cada um busca viver essas coisas.

“No passado, como vocês sabem, nunca contribuí regularmente, um pouco pela distância e pelas dificuldades contingentes relativas à modalidade do pagamento, em parte eu justificava essa posição para mim mesmo pensando nas horas que gasto fazendo várias atividades aqui para o bem do Movimento, mas isto não me satisfaz mais. Pensei então naquilo que dizia Dom Giussani sobre o valor do gesto na sua constante fidelidade. Quero assumir esse compromisso exatamente porque acredito que será para o meu bem, será um sinal concreto do meu pertencer à Igreja através do carisma de Dom Giussani e da minha dependência da experiência do encontro com o Movimento”.

Um outro escreve: “Sinto-me particularmente grato pois com o chamado de atenção feito durante os Exercícios, vocês me arrancaram de uma posição cheia de orgulho, que impediu em mim uma adesão humilde e fiel”. E uma outra: “Tenho a sensação de ter faltado com amor a mim mesma, que experimento quando não faço a Escola de Comunidade, pelo fato de não contribuir com o Fundo comum. Era como se uma parte de mim fosse subtraída daquilo que tenho de mais caro no mundo: a nossa companhia, sinal sensível da presença de Cristo na vida”.

Sendo que a ninguém é estipulado um valor, é comovente ver a simplicidade com a qual esse amigo escreve: “Caríssimos, são poucas as linhas para explicar o valor indicado como quota mensal do Fundo comum de 2008. Sei bem que nem mesmo os 3 euros são muito e que a pessoa pode parecer ridícula, mas não é mesmo se for dado com fidelidade [fico pensando na viúva do Evangelho, que tinha depositado ali uma moeda e Jesus diz: “Ela deu mais do que todos os outros, porque dá aquilo de que precisa”]. Quero recordá-los com esse gesto, principalmente neste período em que perdi o trabalho e não sei quando as coisas mudarão”. Recebemos inúmeras cartas como estas.

Alguns testemunharam que quando acontece alguma coisa bonita para si ou para a própria empresa, a primeira coisa que passa pela cabeça é o pertencer ao corpo de Cristo, que é a nossa história. E assim as doações extraordinárias neste ano dobraram. Por exemplo: “Recebi a aposentadoria por invalidez e queria entregar algo ao Movimento para as missões”. “Festejei 25 anos de casado e queria partilhar com vocês isso”.

Pelo mesmo critério de pobreza, não queremos outra coisa senão usar tudo isso para dilatar a nossa história. A própria Fraternidade entende gastar todo o dinheiro recolhido pelo Fundo comum para o crescimento daquilo que Deus

faz acontecer de bonito entre nós. Não queremos acumular nada. De fato, além das despesas ordinárias de funcionamento da vida da Fraternidade, o Fundo comum recolhido é usado para sustentar pessoas, obras, atividades do Movimento, missão e ajuda aos padres, considerando os critérios com os quais Dom Giussani nos ensinou a usar o dinheiro. Não é qualquer desejo, não é qualquer necessidade que podem ser por si mesmos acolhidos, mas a inteligência com a qual se olha para a realidade faz ver qual é a necessidade que pode ser atendida. Por exemplo, não ajudamos a comprar uma casa, mas se uma família tem uma *défaillance* é ajudada. Nós ajudamos as pessoas, não as empresas, porém se existe uma obra que dilata o horizonte da Fraternidade, alguém que está atento pode ajudá-la a criar o patrimônio com o qual essa obra responde às necessidades. Isso pede a todos nós para estarmos presentes, tentando não suportar o real, mas julgá-lo. Essa é uma modalidade para seguir o que um Outro faz, essa precedência dada ao real, até o dinheiro: seguir o que um Outro faz, o que um Outro gera por meio de vocês, o que sugere em vocês, põe vocês em movimento. Se alguém tem uma idéia que contribui para realizar aquilo que nós queremos ser no mundo, isto deve ser reconhecido, apoiado como sinal, como exemplo.

Imaginem quantas outras coisas poderiam ser feitas se fosse fiel o empenho de todos, até o mínimo, como nos é testemunhado por esta carta: “Até hoje nunca paguei o Fundo comum. Estou inscrita há quatro anos. Não sei bem por que. Toda vez que nos Exercícios escuto a prestação de contas e a situação de quantos não pagam, digo a mim mesma: droga, o Movimento é tão importante para mim! Por que não pago? Mas isso ficava sempre como uma reprovação moral, que não se tornava movimento e decisão, até que neste ano comecei a acompanhar os estudantes de GS. Fazendo a Escola de Comunidade com eles, eu me vi muitas vezes falando com eles do que significa seguir a verdade, pedir a Deus que nos faça dizer sim àquilo que é verdadeiro com simplicidade, que nos tire do engano. Dizendo a eles essas coisas percebi que eu sou a primeira que, não pagando o Fundo comum, não sou séria até o fundo com aquilo que a Fraternidade me pede. Por que essa resistência? Bem, Giussani diz que no fundo o homem é mau. Não quero que isso seja uma justificativa e me envergonho por não ter levado em consideração seriamente até agora esse gesto, mas entendo que realmente ou isto me interessa e me envolvo pessoal e totalmente nas coisas, ou Cristo permanecerá sempre um pouco distante, relegado àquilo que me deixa acomodada. Assim, finalmente decido que começo a pagar o Fundo comum e essa decisão me deixa feliz e tenho certeza de que fazendo isso entenderei um pouco mais e serei educada a estar com mais seriedade diante de tudo, também dos jovens”.

## MENSAGENS RECEBIDAS

Ocasão Exercícios espirituais Fraternidade de Comunhão e Libertação sobre o tema 'Esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé', Sumo Pontífice dirige aos participantes afetuoso bem-aventurado pensamento e, enquanto deseja que importante encontro suscite renovada fidelidade a Cristo, única esperança, e fervoroso testemunho evangélico, invoca copiosa efusão luzes celestes e envia ao senhor, aos responsáveis Fraternidade e a todos os participantes especial bênção apostólica.

*S.E.R. cardeal Tarcisio Bertone*  
*Secretário de Estado de Sua Santidade*

Caríssimos,

o repropor-se dos Exercícios espirituais é uma ocasião providencial para reatar explicitamente o afeto de comunhão que nos liga.

A vitória da fé jorra da humildade da nossa quotidiana oferta. Como nos ensinou Dom Giussani, ela consiste, de um lado, em reconhecer que Jesus é a substância de todas as circunstâncias e de todos os relacionamentos; de outro, em invocá-Lo para que Ele se manifeste como Presença que dá plenitude ao todo.

Que a Virgem Maria sustente todos os membros da Fraternidade para viverem a sua vocação e a sua missão segundo essa finalidade.

No Senhor, saúdo-vos e vos abençôo,

*S.E.R. cardeal Ângelo Scola*  
*Patriarca de Veneza*

Caro padre Julián,

uno-me a todos vocês nesses Exercícios espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação e rezo ao Senhor Ressuscitado para que faça resplandecer a verdade e a beleza do Carisma para cada um de nós e para todos aqueles que nos encontram em todas as partes do mundo.

Os grandes sinais que estamos vivendo aqui no Brasil na Igreja e principalmente no Movimento nos impelem a um novo início sempre mais livre e pessoal.

Uno-me a todos vocês e peço a Nossa Senhora Aparecida que acompanhe toda a nossa Fraternidade neste momento de graça para um serviço sempre maior à Igreja e ao Santo Padre.

Invocando a bênção do Senhor, saúdo-vos cordialmente,

*S.E.R. dom Filippo Santoro*  
*Bispo de Petrópolis*

## TELEGRAMAS ENVIADOS

*Sua Santidade  
Bento XVI*

Santo Padre, 26.000 membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação e outros conectados via satélite de 62 países do mundo, participaram dos Exercícios espirituais em Rímíni meditando sobre o tema “Esta é vitória que vence o mundo: a nossa fé”. Gratos pela Vossa mensagem, fizemos a experiência de uma renovada fidelidade a Cristo, única esperança, aprofundando a consciência de que a fé é um método de conhecimento que floresce por graça no ápice da razão como reconhecimento da presença excepcional de Jesus, o “enviado” de Deus para nos conduzir ao Pai.

Pelo Vosso testemunho, Santidade, aprendemos a cada dia a repetir as palavras de Pedro “A quem iremos? Só tu tens palavras que explicam a vida”. Se não podemos acreditar em Cristo, não podemos acreditar em nada, porque nada que seja menor do que Cristo nos basta e somente Ele realiza as exigências da nossa humanidade.

Pedimos a Dom Giussani que implore de Nossa Senhora alegria e paz para a Vossa pessoa e para nós a simplicidade da fidelidade a Pedro e à Igreja que torna Cristo contemporâneo, no caminho rumo à santidade.

Sac. Julián Carrón

*S.E.R. cardeal Tarcisio Bertone  
Secretário de Estado*

Eminência Reverendíssima, 26.000 participantes aos anuais Exercícios espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação em Rímíni, e outros conectados via satélite de 62 países, meditando sobre o tema “Esta é vitória que vence o mundo: a nossa fé”, gratos pelas palavras enviadas em nome de Bento XVI, concluem os dias de retiro com renovada vontade de ser fiéis a Cristo e ao seu Vigário na terra, para ser testemunhas do fato que vence o mundo e levar assim o anúncio da esperança que realiza a nossa humanidade.

Que Maria ilumine o Seu coração para colaborar sempre mais com inteligência ao dilatar-se da vida da Igreja na história.

Sac. Julián Carrón

*S.E.R. cardeal Ângelo Bagnasco  
Presidente CEI*

Eminência Reverendíssima, 26.000 participantes da Itália aos anuais Exercícios espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação em Rímimi, e outros conectados via satélite de 62 países, meditando sobre o tema “Esta é vitória que vence o mundo: a nossa fé”, mais certos do Mistério presente, confirmam o compromisso de servir à Igreja na Itália como testemunhas de Cristo, rocha sobre a qual construir o futuro.

Condoídos pelas recentes contestações a Sua pessoa, sinal de uma sociedade indiferente senão hostil à verdade, afirmamos mais uma vez que Lhe queremos bem como a um pai que desafia as incompreensões do mundo por amor aos filhos. Que Dom Giussani e Maria protejam os Seus dias e alcancem para o Senhor o bem desejado.

Sac. Julián Carrón

*S.E.R. dom Josef Clemens  
Secretário do Pontifício Conselho para os Leigos*

Excelência Reverendíssima, mais uma vez a presença e as palavras do cardeal Rilko tornaram presente a bênção da Igreja universal sobre os 26.000 participantes da Itália aos Exercícios espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação em Rímimi, e sobre outros conectados via satélite de 62 países. Meditando sobre o tema “Esta é vitória que vence o mundo: a nossa fé”, como fiéis leigos crescidos na escola daquela testemunha crível que foi Dom Giussani, seguimos Bento XVI que nos chama a testemunhar a fé em Cristo que responde às exigências do coração de todo homem.

Sac. Julián Carrón.

*S.E.R. cardeal Ângelo Scola*  
*Patriarca de Veneza*

Eminência caríssima, nestes dias experimentamos a verdade do convite que o senhor nos dirigiu: Cristo é a consistência de tudo e pedi-Lo em cada circunstância é a coisa mais razoável para cada um de nós. Mais certos de que “Esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé”, que o Envido do Pai nos doou como pura graça, e mais agradecidos pelo encontro com Dom Giussani que abriu para nós o caminho ao reconhecimento de Cristo, pedimos a Nossa Senhora que sustente a Sua missão episcopal para a unidade da Igreja.

Sac. Julián Carrón

*S.E.R. dom Filippo Santoro*  
*Bispo de Petrópolis*

Excelência caríssima, estes Exercícios espirituais iniciaram e foram dominados por aquilo que vimos acontecer na catedral de São Paulo, o acontecimento maior que o Senhor fez acontecer na nossa vida neste ano para nos facilitar o reconhecimento da Sua presença entre nós.

Que Nossa Senhora Aparecida nos torne tão simples a ponto de servir ao Mistério que age na nossa vida para esse novo início que supera qualquer imaginação.

Sac. Julián Carrón

## A ARTE EM NOSSA COMPANHIA

*Aos cuidados de Sandro Chierici*

*(Guia para a leitura das imagens tiradas da História da Arte que acompanhavam a audição dos trechos de música clássica na entrada e na saída)*

O olhar do homem para a realidade chega a perceber sua forma e a intuir sua origem

Deus segura o homem pela mão e o conduz dentro da história ao encontro com Cristo. Na experiência da companhia de Cristo, a origem da realidade se torna conhecível. A partir de então o homem não está mais sozinho na sua busca da felicidade, do bem, da justiça; a fê em Cristo presente se torna o critério de juízo e de empenho com a realidade.

1. Vincent Van Gogh, *A noite estrelada*. Nova York, Museum of Modern Art
2. *Furacão El Niño* visto do satélite. Fotografia NASA Goddard Laboratory for Atmospheric Sciences
3. Caspar Friedrich, *Viandante no mar de névoa*. Hamburgo, Kunsthalle
4. Caspar Friedrich, *Os brancos recifes de Rügen*. Winterthur, Coleção Reinhart
5. René Magritte, *O sedutor II*. Coleção particular
6. René Magritte, *A condição humana*. Genebra, Coleção Spierei
7. René Magritte, *O chamado dos cimos*. Coleção particular
8. René Magritte, *Ao cair da noite*. Houston, Coleção Menil
9. *O descanso do Criador no sétimo dia*, mosaico. Monreale, Catedral
10. *Adão conduzido no Éden*, mosaico. Monreale, Catedral
11. *A aliança de Deus com Noé*, mosaico. Monreale, Catedral
12. *O sacrifício de Isaac*, mosaico. Monreale, Catedral
13. *Isaac abençoa Jacó*, mosaico. Monreale, Catedral
14. *Jacó luta com o anjo*, mosaico. Monreale, Catedral
15. *José conduz Maria e Jesus ao Egito*, mosaico. Monreale, Catedral
16. *A pregação de João Batista*, mosaico. Florença, Batistério de São João
17. *A tempestade acalmada*, mosaico. Veneza, Basílica de São Marcos
18. *O chamado de Zaqueu*, mosaico. Veneza, Basílica de São Marcos
19. *A oferta da viúva pobre*, mosaico. Ravena, Sant'Apollinare nuovo

20. *A cura dos cegos de Jericó*, mosaico. Ravena, Sant'Apollinare nuovo
21. *A cura do possuído*, mosaico. Ravena, Sant'Apollinare nuovo
22. *A cura da hemorroíssa*, mosaico. Ravena, Sant'Apollinare nuovo
23. *A samaritana no poço*, mosaico. Ravena, Sant'Apollinare nuovo
24. *A cura do paralítico de Cafarnaum*, mosaico. Ravena, Sant'Apollinare nuovo
25. *A cura do paralítico de Betsaida*, mosaico. Ravena, Sant'Apollinare nuovo
26. *A multiplicação dos pães e dos peixes*, mosaico. Ravena, Sant'Apollinare nuovo
27. *Jesus no monte das oliveiras*, mosaico. Veneza, Basílica de São Marcos
28. Eugène Burnand, *Pedro e João correm ao sepulcro*. Paris, Musée d'Orsay
29. Francesco Bassano, *O bom samaritano*. Viena, Kunsthistorisches Museum
30. Constantijn Daniel Renesse, *Parábola do bom Samaritano*. Paris, Louvre
31. Jean-François Millet, *O bom samaritano*. Cardiff, National Gallery of Wales
32. Vincent Van Gogh, *O bom Samaritano*. Otterlo, Rijksmuseum Kröller-Müller
33. Silvestro Lega, *Vilarejo com camponeses*, detalhe. Coleção particular
34. Ardengo Soffici, *Camponeses*. Poggio a Caiano, Coleções municipais
35. August Macke, *Moça cosendo*. Dortmund, Galerie Utermann
36. Umberto Boccioni, *Camponês trabalhando*. Roma, Galleria Nazionale d'Arte Moderna
37. Camille Pissarro, *A colheita das batatas*. Londres, coleção particular
38. Camille Pissarro, *La Causette*. Coleção particular
39. Paul Cézanne, *Louveciennes*. Coleção particular
40. Camille Pissarro, *Rue Rémy, Auvers-sur-Oise*. Coleção particular
41. Camille Pissarro, *Passagem em nível em Pontoise*. Coleção particular
42. Camille Pissarro, *A costa do Ermitage, Pontoise*. Nova York, Solomon R. Guggenheim Museum
43. Camille Pissarro, *O jardim de Maubuisson, Pontoise*. Praga, Narodny Galerie
44. Vincent Van Gogh, *Campos de tulipas*. Washington, National Gallery of Art

45. Arthur Lismer, *Vilarejo mineiro*. Coleção particular
46. Camille Pissarro, *Mulher estendendo a roupa*. Paris, Musée d'Orsay
47. Silvestro Lega, *Educação no trabalho*. Coleção particular
48. Cristiano Banti, *Fiandeiras de palha de Valdelsa*. Coleção particular
49. Vincent Van Gogh, *Planície de Crau em Arles*. Amsterdã, Van Gogh Museum
50. Vincent Van Gogh, *Campo ao amanhecer*. Coleção particular
51. Vincent Van Gogh, *O Semeador*. Zurique, Coleção Bührle
52. Vincent Van Gogh, *Terraço do café na Praça do Fórum em Arles à noite*. Otterlo, Rijksmuseum Kröller-Müller
53. Vincent Van Gogh, *A igreja de Auvers*. Paris, Musée d'Orsay

## Notas

<sup>1</sup> Cf. Carrón, J. “Amigos, ou seja, testemunhas”, Assembléia Internacional de Responsáveis de Comunhão e Libertação. La Thuile, 25 a 29 de agosto de 2007, suplemento da revista *Passos – Litterae Communionis*, n. 87, outubro de 2007.

<sup>2</sup> *IJo* 5,4.

<sup>3</sup> *Lc* 18,8.

<sup>4</sup> Giussani, L., *É possível viver assim? - Uma diferente abordagem da existência cristã*. Tradução de Neófita Oliveira e Francesco Tremolada, 2ª. ed., São Paulo: Companhia Ilimitada, 2008, pp. 21-62.

<sup>5</sup> Bento XVI, “Discurso do Santo Padre aos participantes do IV Congresso Nacional da Igreja Italiana”, Verona, 19 de outubro de 2006.

<sup>6</sup> Bento XVI, *Sacramentum Caritatis* (Exortação Apostólica Pós-Sinodal sobre a Eucaristia fonte e ápice da vida e da missão da Igreja – 22 de fevereiro de 2007), 77.

<sup>7</sup> Giussani, L., *É possível viver...*, op. cit., p. 31.

<sup>8</sup> Cf. L. Giussani – S. Alberto – J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, Milano: Rizzoli, 1998, p. 105.

<sup>9</sup> Giussani, L., *L'uomo e il suo destino. In cammino*, Genova: Marietti, 1999, pp. 104-105.

<sup>10</sup> *Ibidem*, p. 105.

<sup>11</sup> *Ibidem*, pp. 106-107.

<sup>12</sup> Cf. Guitton J., *Arte nuova di pensare*, Roma: Edizioni Paoline, 1981, p.71.

<sup>13</sup> G. Guareschi, *Don Camillo della bassa. Gente così. Lo spumarino pallido*, Milão: Superbur, 1997, pp. 37-38.

<sup>14</sup> C. Chieffo, “I cieli”, in *Cantos* (Livrinho Verde), p.288.

<sup>15</sup> Giussani, L., “É, se opera”, suplemento a *30Dias*, n. 6, junho de 1994, p. 68

<sup>16</sup> *Ibidem*, pp. 68-70.

<sup>17</sup> Cf. Chieffo, C., “Il monologo di Giuda”, in *Canti* (Livrinho Verde), p. 291.

<sup>18</sup> Bento XVI, *Deus caritas est*, 1.

<sup>19</sup> Giussani, L., *É possível viver...*, op. cit., p. 41.

<sup>20</sup> Cf. Von Balthasar, H.U., *La percezione della forma*, in *Gloria. Una estetica teologica*, vol. 1, Milano: Jaca Book, 1971, p. 171

<sup>21</sup> *Lc* 5,8.

<sup>22</sup> *Mc* 2,12.

<sup>23</sup> *Lc* 17,11-19.

<sup>24</sup> Giussani, L., “Nota per la seconda edizione” in C. Martindale, *Santi*, Milano: Jaca Book, 1992, p. 28.

<sup>25</sup> Refere-se a um encontro de Dom Luigi Giussani na “Jornada de meditação para os casais”, Milão, 23 de janeiro de 1977, pro-manuscripto.

<sup>26</sup> Chesterton, G. K., *Ortodossia*, Brescia: Morcelliana, 1926, p. 46.

<sup>27</sup> Cf.. San Teofilo di Antiochia, *Ad Autolyicum libri tres*, I, 3.

<sup>28</sup> Giussani, L., *Certi di alcune grandi cose (1979-1981)*, Milano: BUR, 2007, p.10.

<sup>29</sup> Santo Agostinho, *In Evangelium Ioannis*, Homilia 26, n.4.

<sup>30</sup> Santo Agostinho, *Confissões*, Livro XIII, 8.9; tradução de J. Oliveira Santos, S.J., e A. Ambrósio de Pina, S.J. – Coleção Os Pensadores

<sup>31</sup> Giussani, L., *É possível viver...*, op. cit., pp.46-47.

<sup>32</sup> *Jo* 10,19-21;36-39.

<sup>33</sup> *Jo* 6,22-26.27.53.67.68.

<sup>34</sup> Giussani, L., *É possível viver...*, op.cit., p.48.

<sup>35</sup> *Ibidem*

<sup>36</sup> Giussani, L., *Si può (veramente?!) vivere così*, Milano: BUR, 1996, p. 140.

<sup>37</sup> Giussani, L.– Alberto, S.– Prades, J., *Generare tracce...*, op.cit., p. 54.

<sup>38</sup> *Ivi*.

<sup>39</sup> *Jo* 8,16.

<sup>40</sup> *Jo* 10, 30.

<sup>41</sup> Von Balthasar, H.U., *La percezione della forma*, in *Gloria. Una estetica teologica*, vol. 1, op.cit., p. 169.

<sup>42</sup> “É como o Tubo de Quincke (que eu estudei no segundo grau), que é um aparelho para realçar que nota é dominante em um certo acorde: quando uma certa coluna sonora passa pelo Tubo de Quincke, se a nota dominante for um *ré*, por exemplo, o Tubo grita aquele *ré* de maneira que supere a escuta das outras notas”. (L. Giussani, “Viver a razão”, in *Passos – Litterae Communionis*, n. 69, fevereiro de 2006)

<sup>43</sup> Jacopone da Todi, “Lauda XC”, in *Le laude*, Firenze: Libreria Editrice Fiorentina, 1989, p.313.

<sup>44</sup> Giussani, L., *Certi di alcune grandi cose (1979-1981)*, op. cit., p.216.

<sup>45</sup> Giussani, L., *Si può (veramente?!)...*, op.cit., p.103.

<sup>46</sup> Cf. Giussani, L., *L'uomo e il suo destino...*, op.cit., p.129.

<sup>47</sup> *Jo* 12,44.

<sup>48</sup> *Gaudium et Spes*, 21.

<sup>49</sup> Sequeri, P., *L'idea della fede. Trattato di teologia fondamentale*, Milano: Glossa, 2002, p.128.

<sup>50</sup> Santo Ambrósio, *Hexameron*, VI 8,32.

<sup>51</sup> Sequeri, P., *L'idea della fede. Trattato di teologia fondamentale*, op. cit., p.137

<sup>52</sup> Ratzinger, J., “Apaixonado por Cristo. Em um encontro, o *caminho*”. Homilia do cardeal Joseph Ratzinger, presente no funeral de Dom Giussani em nome do Santo Padre, Catedral de Milão, 24 de fevereiro de 2005, in *Passos – Litterae Communionis*, março de 2005.

- <sup>53</sup> Giussani, L., *É possível viver...* op. cit., PP. 225-226.
- <sup>54</sup> Von Balthasar, H.U., *La percezione della forma*, in *Gloria. Una estetica teologica*, vol. 1, op.cit., pp.317-318.
- <sup>55</sup> Giussani, L., *Si può (veramente?!)*... op. cit., p.106.
- <sup>56</sup> Giussani, L.– Alberto, S.– Prades, J., *Generare tracce...*, op.cit., pp. 32-33.
- <sup>57</sup> *1Cor 12,3*.
- <sup>58</sup> Giussani, L., *L'uomo e il suo destino...*, op. cit., p. 57.
- <sup>59</sup> *Lc 17,6*.
- <sup>60</sup> Refere-se a um encontro de Dom Giussani com algumas pessoas da Associação *Memores Domini* ocorrido em Gudo Gambaredo, em 30 de novembro de 1969, pro-manuscrito.
- <sup>61</sup> Bento XVI, *Spe salvi*, 10.
- <sup>62</sup> *Catecismo da Igreja Católica*, par. 1236.
- <sup>63</sup> Giussani, L.– Alberto, S.– Prades, J., *Generare tracce...*, op.cit., p. 65.
- <sup>64</sup> *Catecismo da Igreja Católica*, par. 1253 e 1254.
- <sup>65</sup> *Gl 3,26-28*.
- <sup>66</sup> *Catecismo da Igreja Católica*, par. 1253.
- <sup>67</sup> Giussani, L.– Alberto, S.– Prades, J., *Generare tracce...*, op.cit., p.59.
- <sup>68</sup> Giussani, L., *Educar é um risco: como criação de personalidade e de história*; tradução Neófita Oliveira e Francesco Tremolada. Bauru: EDUSC, 2004, p. 98.
- <sup>69</sup> *Jo 3,4*.
- <sup>70</sup> Giussani, L., *L'attrattiva Gesù*, Milano: BUR, 1999, p. 148.
- <sup>71</sup> *Ibidem*, pp.150-153.
- <sup>72</sup> Giussani, L., *Uomini senza patria (1982-1983)*, Milano: BUR, 2008.
- <sup>73</sup> Giussani, L., *Educar é um risco*, op. cit., pp. 98-99.
- <sup>74</sup> Giussani, L., *L'attrattiva Gesù*, op. cit., 153.
- <sup>75</sup> Giussani, L., *Educar é um risco*, op. cit., pp.96-97.
- <sup>76</sup> Giussani, L.– Alberto, S.– Prades, J., *Generare tracce...*, op.cit., p. 51.
- <sup>77</sup> *Ibidem*, p. 59.
- <sup>78</sup> *Ibidem*, pp.59-60.
- <sup>79</sup> Cf. Giussani, L., *Por que a Igreja*. Tradução de Neófita Oliveira e Durval Cordas, 2ª. ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004, pp. 146-150.
- <sup>80</sup> Cf. Dostoievski, F.M., *I fratelli Karamazov* (Os irmãos Karamazov), Milano: BUR, 1998, p. 340.
- <sup>81</sup> Berdjajev, N., *Pensieri controcorrente*, Milano: La Casa di Matriona, 2007, p. 47.
- <sup>82</sup> Giussani, L., “A familiaridade com Cristo”, in *Passos – Litterae Communionis*, n. 80, março de 2007.
- <sup>83</sup> *Jo 3,16-36*.
- <sup>84</sup> *Jo 6,47*.
- <sup>85</sup> Cf. *Jo 12,46*.

- <sup>86</sup> Jo 4,14.
- <sup>87</sup> Jo 6,54.
- <sup>88</sup> 1Jo 5,4.
- <sup>89</sup> Bento XVI, *Spe salvi*, 27.
- <sup>90</sup> Refere-se à palestra dada por Dom Giussani em 1º de dezembro de 1990, em Riva del Garda, durante o Retiro de Advento dos *Memores Domini*, pro-manuscripto.
- <sup>91</sup> Jo 17,3.
- <sup>92</sup> Santo Tomás, *Summa Theologiae*, II, IIae, q. 179, a.1.
- <sup>93</sup> Cf. Bento XVI, *Spe salvi*, 7.
- <sup>94</sup> 2Cor 5,17.
- <sup>95</sup> Cf. Giussani, L., *Dall'utopia alla presenza (1975-1978)*, Milano: BUR, 2006, p. 330.
- <sup>96</sup> Pavese, C., *Dialoghi com Leucò*, Torino: Einaudi, 1947, p. 164.
- <sup>97</sup> Giussani, L.– Alberto, S.– Prades, J., *Generare tracce...*, op.cit., pp. 74-75.
- <sup>98</sup> *Ibidem*, p. 75.
- <sup>99</sup> Bento XVI, “Discurso para o encontro na Universidade de Roma ‘La Sapienza’”, 17 de Janeiro de 2008.
- <sup>100</sup> Giussani, L.– Alberto, S.– Prades, J., *Generare tracce...*, op.cit., p. 76.
- <sup>101</sup> *Ivi*.
- <sup>102</sup> Giussani, L., “A longa marcha da maturidade”, in *Passos – Litterae Communio-nis*, n. 92, abril de 2008.
- <sup>103</sup> Giussani, L., “Fé ontem e hoje”, in *Passos – Litterae Communio-nis*, n. 91, março de 2008.
- <sup>104</sup> Refere-se à palestra dada por Dom Giussani em 2 de setembro de 1992, em La Thuile, durante os Exercícios espirituais dos sacerdotes, pro-manuscripto.
- <sup>105</sup> Cf. Giussani, L., *O senso religioso*. Tradução de Paulo Afonso E. Oliveira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, pp. 171-172.
- <sup>106</sup> *Ibidem*, pp.157-158.
- <sup>107</sup> *Ibidem*, pp.149-151.
- <sup>108</sup> Cl 2,17.
- <sup>109</sup> Cf. Jo 21,15-17.
- <sup>110</sup> Veja-se aqui nota 90.
- <sup>111</sup> Giussani, L., *Avvenimento di liberta*, Genova: Marietti, 2002, p.20.
- <sup>112</sup> Cf. Giussani, L., *O caminho para a verdade é uma experiência*. Tradução de Neófita Oliveira, São Paulo: Companhia Ilimitada, 2006, pp. 215-219.
- <sup>113</sup> 2Cor 5,14-20.
- <sup>114</sup> Giussani, L., *O caminho...* op. cit., p.95.



## TESTEMUNHO DE MARCOS E CLEUZA ZERBINI

*Pela absoluta relação com o conteúdo dos Exercícios da Fraternidade, propomos as anotações do testemunho, feito na noite de sábado, 10 de maio, durante os Exercícios espirituais dos jovens trabalhadores de Comunhão e Libertação, que ocorreram em Rimini de 9 a 11 de maio de 2008.*

**Marcos Zerbiní.** Para que vocês possam entender o contexto da nossa história, queria contar alguns fatos.

A nossa origem são as pastorais sociais da Igreja Católica no Brasil. No ano de 1986 o tema da Campanha da Fraternidade era “Terra de Deus, terra de irmãos” e a Igreja nos fez um questionamento: vocês já estão fazendo alguma coisa pra que as pessoas tenham terra ou simplesmente rezam pra que o Senhor responda a essa situação?

Por causa dessa provocação começamos a convidar as pessoas na paróquia para discutir o problema da moradia. Em quinze dias tínhamos 200 pessoas e em dois meses eram duas mil. E a única coisa que sabíamos fazer era pressionar o governo para que respondesse a essa situação.

Passaram-se dois anos e nada aconteceu. Então, nós nos organizamos com outros movimentos da cidade e saiu uma proposta comum, que era fazer inúmeras ocupações de terra em toda a cidade. Falamos com o pessoal do nosso movimento e eles decidiram não participar porque explicamos quais eram os problemas implicados nisso. Mas um movimento vizinho ao nosso fez cinco ocupações e, como líderes de um movimento social, nós fomos dar apoio: eram 800 famílias. Essas ocupações eram em áreas particulares, os proprietários entraram na justiça e poucos meses depois aquelas famílias foram despejadas. Mas metade delas não tinha aonde ir e, então, estas 400 famílias acabaram alojadas nos salões da Igreja. E perguntamos por que haviam participado de algo tão perigoso. E eles responderam que o líder do movimento deles havia dito que se eles invadissem, o proprietário venderia aquela terra por um preço menor. Aquilo na verdade não aconteceu e aquele líder sumiu depois do despejo. Mas tudo isso fez nascer uma idéia que parecia ser a

descoberta do ovo de Colombo: começamos a procurar pessoas que queriam vender a terra. Encontramos uma senhora muito católica que se sensibilizou com a história, fez um bom preço e um grupo de 18 famílias comprou aquele pedaço de terra. Rapidamente construíram um barraco no fundo do terreno e, aos poucos, foram construindo as suas casas. Nós pensamos: se essa experiência deu certo com quem estava despejado, por que não fazer o mesmo com quem participa de reunião com a gente?

Desta forma nós começamos a reproduzir essa experiência. Compramos uma, duas, três... e hoje são 26 áreas e 17.500 famílias já têm o seu pedaço de terra. Mas o problema não acabava com a terra: tinham de construir a casa e, depois, tinha o problema da luz, da água, do esgoto e cada vez a luta ia mudando o foco. Assim o nosso movimento começou a crescer.

**Cleuza Ramos.** Obrigada pela acolhida. Eu estou muito feliz por estar aqui junto com vocês e compartilhar este momento de alegria.

Nestes anos, a luta que a gente teve no movimento nos ajudou a nos organizarmos para conquistar as coisas. E os anos foram passando e as coisas foram acontecendo. No ano de 2000 os conjuntos já estavam prontos, já tinha água, luz, escola, mas eu não estava feliz e não conseguia ver as pessoas felizes. Eu achava que as pessoas que não tinham casa seriam felizes quando tivessem a casa. Mas o que eu via é que as pessoas levantavam muros sempre mais altos para não ver o próprio vizinho e isso me deixava muito triste. Eu achava que já estava no momento de parar. Mas desde pequena eu sempre rezei muito e, então, pedia: “Senhor, me mostra o caminho”.

E aí aconteceu um fato: uns amigos pediram que nós fôssemos até uma faculdade que possuía um terreno abandonado perto de nós pois queriam construir ali uma igreja. Eu não tinha vontade de ir, mas o Marcos insistiu e nós fomos. Conversamos com o Reitor, explicamos o problema e ele aceitou nos ceder o terreno. E ele insistia para que eu pedisse mais alguma coisa. Uma coisa me deixava triste: morávamos longe do hospital. E então perguntei: “Aqui é uma Escola de Medicina e deve ter muitos médicos. O senhor poderia nos dar um médico?”. E ele disse que sim. Primeiro enviou um médico que não apareceu e depois ele enviou o Dr. Alexandre. Quando ele chegou, quis conhecer todos os nossos bairros. Em cada bairro nós temos um centro comunitário. Mostrei tudo e perguntei: “Doutor, onde o senhor quer ficar?”. E ele disse: “Quero ficar na escola”. E logo organizamos um espaço pra

ele. Mas ele não tinha o estetoscópio, não parecia um médico. Eu chegava na escola e ele estava sempre conversando com os professores, aí eu pensei: “Não arrumei uma solução, mas arrumei um problema a mais”. E o Marcos me dizia: “O seu amigo estranho já começou a trabalhar?”. E todos os dias ele conversava, conversava. Depois de algum tempo eu entendi que tinha um problema grave na escola: havia muitas adolescentes grávidas e ele fez um trabalho de conscientização com os professores. Isso foi em 2001 e até hoje este programa continua nas nossas escolas.

Esta foi a ocasião em que eu conheci o Movimento Comunhão e Libertação. Eu estava desanimada e achava que talvez a luta não valesse a pena. Eu via dentro do movimento que tínhamos muitos problemas resolvidos, mas os jovens terminavam o colegial e logo iam trabalhar sem nenhuma perspectiva futura.

**Marcos.** Algum tempo depois fomos convidados pelo Alexandre para participar do primeiro encontro latino-americano da Companhia das Obras no Rio de Janeiro. Exatamente naqueles dias um grupo de jovens havia nos procurado dizendo que tinham um grande desejo de fazer a faculdade. No Brasil, a universidade pública tem poucas vagas e, para entrar na faculdade, tem de fazer uma prova e passam nesses exames os filhos dos ricos que estudam em colégios bons. E assim, os pobres têm que fazer universidade particular que custa muito caro. Por isso eles vieram nos procurar dizendo: “O movimento nos ajudou a ter casa. Agora queremos ser ajudados a estudar na universidade”.

No encontro da CdO nós ouvimos duas experiências que nos marcaram muito. Primeiro, o Bolívar, do Chile, nos falou de uma universidade popular que o Movimento de CL havia ajudado a construir no Peru. Era muito mais barata porque não visava o lucro e muitos jovens da periferia podiam estudar. E nós pensamos: se nós construísimos bairros em São Paulo por que não podemos construir faculdades?

O encontro acabou no domingo e na segunda-feira nós já estávamos procurando informações de como construir uma faculdade. Nós descobrimos que era um processo muito lento, mas descobrimos também que nas faculdades particulares cerca de 45% das vagas ficavam vazias após a prova de admissão. E nós pensamos: se quando nos organizamos conseguimos comprar terra mais barata, então, se nos organizarmos, talvez poderemos conseguir bolsas de estudo. Fomos procurar uma faculdade e o reitor nos disse: “Se trouxerem pelo menos 500 estudantes daremos um desconto entre 30 e 50% nas mensalidades”. Nós conversamos com os nossos

jovens e no primeiro ingresso entraram 1.800 jovens na faculdade. E nós pensamos: o problema acabou. Agora é só no ano que vem que precisaremos ajudar outros jovens. Doce ilusão! Na semana seguinte começou a chegar um monte de gente dizendo “meu amigo não é da Associação, mas precisa de faculdade”, minha namorada, meu amigo, etc. E assim decidimos fazer o “Movimento dos Sem Faculdade”. Hoje temos 40.000 estudantes em doze universidades com as quais temos convênio.

**Cleuza.** Em 2005 nós tínhamos 5.000 universitários. Fui convidada a participar do encontro de La Thuile, com os responsáveis do Movimento de CL, e naquela ocasião perguntei ao Cesana: “Como se faz Escola de Comunidade com 5.000 pessoas?”, e ele me disse: “Você vai encontrar uma resposta”. E voltando para o Brasil eu me perguntava: “Como eu posso fazer?”, pois a Escola de Comunidade é com um grupo pequeno. Aquilo que eu tinha encontrado em La Thuile e que me fazia tão feliz eu precisava contar para os outros. E aí tivemos a idéia de fazer um panfleto: no último que fizemos tem o texto resumido sobre o capítulo da fé de *É possível viver assim?*, que é sobre o que estamos trabalhando na Escola de Comunidade; na última página tem um juízo cultural sobre um fato muito discutido no Brasil: a utilização das células-tronco em pesquisas.

Hoje temos quarenta mil universitários que estão divididos em grupos de 2.000 pessoas e as reuniões duram duas horas cada. Nós somos bem objetivos porque enquanto um grupo faz a reunião tem outro lá fora esperando. No final damos os avisos sobre a Associação e a universidade. No início apresentamos o texto; depois as pessoas se organizam em grupinhos e depois se abre uma assembléia em que as pessoas falam espontaneamente. E a gente sempre se pergunta: será que eles estão entendendo? Não temos como falar com cada um. E isto me dava tristeza.

Na nossa Associação, como organização, cada pessoa tem uma carteirinha e seja os da moradia como os da faculdade eram obrigados a participar das reuniões: vinham porque eram obrigados e tinham medo de perder o benefício.

No ano passado nós fomos convidados novamente para participar do encontro de La Thuile. Depois de 5 minutos de encontro, na sua apresentação inicial Carrón fala: “Cristo nos ama tanto que enumerou todos os cabelos da nossa cabeça”. E eu disse: “Marcos, podemos ir embora porque já ouvimos tudo”.

**Marcos.** Voltando para São Paulo, nos dissemos: “Precisamos apostar na liberdade das pessoas, como Dom Giussani dizia”. Assim, nas

assembléias nós dissemos a todos: “Vocês não são mais obrigados a participar das reuniões. A gente garante o benefício, mas nós queremos que venham na Associação só quem quer fazer um caminhão conosco”. Dos 25 mil a quem fizemos a proposta, apenas oito pessoas disseram que queriam ir embora, mas naquela semana cinco voltaram e pediram para serem readmitidos dizendo que sozinhos não iam dar conta de terminar a faculdade. Qual é a realidade destes jovens? Eles trabalham o dia todo e estudam à noite. A maioria dorme quatro ou cinco horas por noite e gasta praticamente todo o salário para pagar a faculdade, mesmo com o desconto. Se eles não tiverem uma companhia, eles não conseguem ir até o final.

**Cleuza.** Depois disso eu pensei: de agora em diante o movimento tem um outro caminho. A Associação aprendeu a fazer grandes organizações como uma cooperativa. A saúde pública no Brasil não é boa, então fizemos convênio com planos de saúde, cursos de inglês e francês... Mas o que mudou as pessoas não foi a ajuda para ter casa e plano de saúde. O que me ajudou, em primeiro lugar, foi o encontro com o Movimento Comunhão e Libertação. E este mesmo encontro a gente propôs para eles e eles disseram sim. Então não tem mais sentido hoje a Associação não ter um só caminho que é a estrada de Comunhão e Libertação. A Associação nasceu para responder à realidade e hoje a realidade é que as pessoas têm pressa de encontrar Cristo e a gente teve o privilégio de fazer esse encontro.

Eu sou muito feliz por poder levar isso hoje a esses jovens. No mês de dezembro nós fizemos esta proposta para eles: “A Associação tem o seu serviço, que é coisa nossa, mas o destino do movimento queremos entregar a Carrón. Nós vamos em praça pública e quero que vocês vejam quem eu sigo”. Marcamos um encontro e o convite foi feito assim: “Aqueles que se sentirem pertencentes a essa história, venham na praça conosco. Aqueles que não se sentem pertencentes não precisam ir”. Nós preparamos uma bela festa com muitas coisas: cantos, faixas, um *mega show*. E a chuva começou. São Paulo inundou. E aí pensei: acabou, não vai acontecer nada. O evento deveria começar às cinco horas: os cantores estavam lá, os balões prontos, mas não parava de chover. E começaram a chegar as pessoas vindas de todas as partes e a polícia perguntou: “O que significa isso? Não era um encontro pequeno da Igreja? Por que chega tanta gente? Vai ter prêmio? O que vai acontecer?”. A praça estava lotada e todo mundo de guarda chuva. Aí o Cardeal teve uma pequena reunião para apresentarmos o Carrón para ele e

o Marcos pediu que fizéssemos o encontro na Catedral. Mas ali só cabiam 8.000 pessoas. Começamos a entrar e as pessoas começavam a empurrar porque queriam ver o que iria acontecer e eles gritavam: “Eu pertenço a isso, eu quero ver”. E eu pensei: “Na Itália é Comunhão e Libertação, no Brasil é Comunhão e Confusão!”.

**Marcos.** Muita gente pergunta: “Se vocês já faziam esse trabalho, o que mudou depois desse encontro com Comunhão e Libertação?”. Mudou a seguinte coisa: cinco anos atrás a gente não agüentava mais fazer esse trabalho. Tinha uma quantidade enorme de problemas e a gente se sentia responsável por responder a todos eles. Tínhamos a pretensão de achar que éramos nós os responsáveis por responder aos problemas. A primeira grande coisa que entendemos com Comunhão e Libertação é que a nós cabe só o nosso sim. O resultado não nos pertence, pertence a Cristo. Quando entendemos isso é como se tivessem tirado 200 quilos das nossas costas. E nestes cinco anos a Associação triplicou de tamanho, mas é muito leve a sua carga.

A outra coisa que a gente entendeu com muita clareza é que era muito doloroso para nós e muito triste viver aquela experiência porque as pessoas tinham muitas necessidades e a gente não conseguia dar conta daquilo. Tínhamos só uma intuição que devíamos dar a vida para aquela obra, mas era uma tarefa muito triste e muito pesada. Quando começamos a entender que fazíamos aquelas coisas não pelas pessoas, mas por Cristo, é como se toda a alegria do mundo tivesse inundado o nosso coração. As pessoas nos dizem: “Nossa, vocês mudaram muito. Vocês tinham um olhar muito triste e hoje vocês são pessoas muito alegres”. A nossa própria relação pessoal mudou. Há 18 anos nós fomos morar juntos não porque estávamos apaixonados, não porque tinha um grande amor, mas porque acreditávamos que tínhamos que construir juntos um grande trabalho. E na medida que o trabalho ia ficando mais difícil a gente jogava um no outro a culpa pelas dificuldades até o ponto de dizer: já construímos juntos a Associação, agora vamos cuidar cada um da própria vida. Mas o encontro com CL nos fez entender uma outra coisa: nós não estávamos juntos porque íamos construir alguma coisa, mas estávamos juntos porque Cristo nos deu de presente um ao outro. Não era para fazer uma obra, era para juntos fazer uma estrada, para que um ajudasse no caminho do outro. E, hoje, a paixão que a gente sente um pelo outro é uma paixão que a gente nunca tinha sentido. Dois anos atrás nós nos casamos no civil, mas não podíamos nos casar na Igreja porque eu já era casado. Há dois meses eu consegui a declaração

de nulidade do casamento e agora em agosto, se Deus quiser, nós vamos nos casar na Igreja. Por que isso é importante? Porque eu aprendi com Dom Giussani que devemos ser um exemplo. E a gente não ensina aos outros com a palavra, mas com o exemplo. Como eu posso pedir a esses jovens e a todos os que nos seguem para ser sérios na vida deles se eu não for sério na minha? Como posso dizer que o marido e a mulher são algo definitivo na vida deles se eu não mostro que é definitiva na minha? Até isso eu devo a esse encontro: devo a Giussani e a cada um de vocês.

Quando entregamos o movimento a Carrón repetimos o mesmo gesto que ele fez com Dom Giussani. Porque muitas pessoas hoje nos seguem, mas eles precisam saber que nós seguimos um Outro. Como a Cleuza falou: “Não há nenhum sentido em ter dois caminhos”. Se eu encontrei uma coisa que é tão bonita e verdadeira na minha vida devo levar àquelas que me seguem. Talvez vocês não tenham idéia, mas vocês têm um tesouro muito precioso na mão de vocês. Vocês cresceram e nasceram em um lugar em que esse carisma que Dom Giussani nos deu já existia e não sei se vocês conseguem entender a importância que isso tem. Para nós foi o encontro com algo que esperávamos a vida toda. E vocês não podem imaginar como isso foi importante para a nossa vida. Eu me sinto muito pequeno quando Carrón fala da nossa experiência como algo grande e bonito. Eu não sei nem se ele se dá conta, mas se não fosse esse encontro a nossa história não existiria mais. Se a gente for colocar na balança quem deve o que para quem, a nossa dívida com vocês é infinitamente maior do que a de vocês conosco.

**Cleuza.** Os jovens normalmente são muito curiosos e me perguntam muitas coisas. Eles dizem: “Cleuza, você vê Cristo em tudo, como eu faço pra ver também?”. E eu muitas vezes nem sei o que responder. Eu não estudei e só tenho até o quarto ano primário. Eu não aprendi a ler e refletir sobre o texto: eu ouço uma palavra como aquela dos fios do cabelo e vou repetindo pra todo mundo. Na praça da Sé o Carrón falou mais uma coisa que me marcou: falou sobre quando João viu Cristo pela primeira vez. Eu já tinha ouvido isso muitas vezes, mas fiquei marcada porque ele falou que João viu Cristo quando tinha 16 ou 17 anos e escreveu o Evangelho com mais de 80 e ele se lembrava a hora em que encontrou Cristo. E eu pensei: acho que entendi o que eu vou falar para esses jovens quando eles vierem me perguntar “Como faço para ver Cristo?”. Você tem que fazer como João: tudo aquilo que você lembrar o dia e a hora é porque tem Cristo. Pense e depois você me diz!

E dizem: “Eu me lembro o dia em que conheci a Associação”. Então aí está Cristo. “Eu me lembro do dia em que meu filho nasceu”. E, assim, nos ajudamos a nos lembrar onde encontramos Cristo. E, agora, se eu vivesse duzentos anos, como eu poderia esquecer a hora que eu conheci vocês? É impossível. Isto é Cristo. Eu não tenho dúvidas de que Cristo está aqui. Não cai uma folha da árvore sem Deus preparar. Por que todos vocês vieram aqui hoje? Não tem explicação. A única explicação é que tem Cristo. Então, quando eu for contar sobre este encontro lá no Brasil eu vou dizer: “Era por volta de dez horas...”.

**Marcos.** Queria terminar agradecendo a oportunidade de estar aqui e sublinhar uma preocupação: depende de cada um de nós que daqui a 50 anos outras pessoas possam encontrar a beleza da experiência que nós encontramos.

Javier Prades, o responsável de CL na Espanha, me disse uma coisa muito bonita: como a gente sabe que uma pessoa se torna santa? Quando, depois da sua morte, cada vez mais a sua presença cresce. Nós conhecemos um santo que é Giussani: depende de cada um de nós que essa memória não se apague. Nós temos que desejar que os nossos netos encontrem a beleza que nós encontramos. Nós recebemos uma herança muito valiosa, não deixem essa herança morrer, ajudem a fazê-la crescer para que as futuras gerações encontrem essa coisa grande que recebemos como um presente. Obrigado.

## Índice

---

MENSAGEM DE SUA SANTIDADE BENTO XVI	3
 <b><i>Sexta-feira, 25 de abril, noite</i></b>	
INTRODUÇÃO	4
SANTA MISSA – <i>HOMILIA DE PADRE PINO</i>	10
 <b><i>Sábado, 26 de abril, manhã</i></b>	
PRIMEIRA MEDITAÇÃO – <i>A fé, método de conhecimento</i>	12
SANTA MISSA – <i>HOMILIA DE S.E. DOM STANISLAW RYLKO</i>	24
 <b><i>Sábado, 26 de abril, tarde</i></b>	
SEGUNDA MEDITAÇÃO – <i>A vida na fé</i>	28
 <b><i>Domingo, 27 de abril, manhã</i></b>	
ASSEMBLÉIA	41
SANTA MISSA – <i>HOMILIA DE DOM MASSIMO CAMISASCA</i>	52
AVISOS	54
MENSAGENS RECEBIDAS	58
TELEGRAMAS ENVIADOS	60
A ARTE EM NOSSA COMPANHIA	63
NOTAS	66
 <b><i>Testemunho de Cleuza e Marcos Zerbini</i></b>	
	71

---

© 2008 Fraternità di Comunione e Liberazione  
Tradução do italiano: Neófito Oliveira  
Parte integrante de Passos Litterae Communionis nº 95, julho de 2008  
Diretora: Isabella Santana Alberto  
Jornalista Responsável: Ana Luiza Mahlmeister – MS 13845  
Edição de arte: Ultreya (Milão – Itália)  
Impressão: Gráfica Neoband (São Paulo – SP)



